

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LUCIANO RODRIGUES SANTOS

**A EVOLUÇÃO SOCIAL E POLÍTICA PROPOSTA POR JUSTO SIERRA PARA O
MÉXICO (1900-1911)**

**GOIÂNIA
2017**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

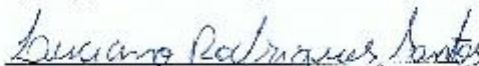
Nome completo do autor: Luciano Rodrigues Santos

Título do trabalho: A EVOLUÇÃO SOCIAL E POLÍTICA PROPOSTA POR JUSTO SIERRA PARA O MÉXICO (1900-1911)

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 29/01/18

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

LUCIANO RODRIGUES SANTOS

**A EVOLUÇÃO SOCIAL E POLÍTICA PROPOSTA POR JUSTO SIERRA PARA O
MÉXICO (1900-1911)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteira e Identidades.

Linha de Pesquisa: Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Libertad Borges Bittencourt

**GOIÂNIA
2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues Santos, Luciano
A EVOLUÇÃO SOCIAL E POLÍTICA PROPOSTA POR JUSTO
SIERRA PARA O MÉXICO (1900-1911) [manuscrito] / Luciano
Rodrigues Santos. - 2017.
CXII, 112 f.

Orientador: Profa. Dra. Libertad Borges Bittencourt .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História,
Goiânia, 2017.
Bibliografia.

1. México. 2. mestiçagem. 3. Progresso. 4. Ensaio. 5. Política. I.
Borges Bittencourt , Libertad , orient. II. Título.

CDU 94

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Luciano Rodrigues Santos**. Aos 27 (vinte e sete) dias do mês de novembro de dois mil e dezessete (2017), com início às 14h, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Luciano Rodrigues Santos**, cujo título foi "A EVOLUÇÃO SOCIAL E POLÍTICA PROPOSTA POR JUSTO SIERRA PARA O MÉXICO (1900-1911)". A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº071/17-PPGH, de 17 de novembro de 2017, pelos seguintes Professores Doutores: **Libertad Borges Bittencourt (Presidente)**, **Eduardo José Reinato (PUC-GO)**, **Eugênio Resende de Carvalho (UFG)** e, como Suplentes, **Prof. Dr. Antônio Carlos Amador Gil (UFES)** e **Profa. Dra. Fabiana de Souza Fredrigo (UFG)**. Os examinadores arguíram na ordem acima citada. Às 16 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido o candidato aprovado

Prof. Dr. **Eduardo José Reinato (PUC-GO)**, Ass.: Eduardo José Reinato

Decisão (..... Aprovado))

Prof. Dr. **Eugênio Resende de Carvalho (UFG)** Ass.: Eugênio Resende de Carvalho

Decisão (..... APROVADO))

Presidente da Banca Profa. Dra. **Libertad Borges Bittencourt (UFG)**, Ass.: Libertad Borges Bittencourt

Decisão (..... aprovado))

Sugestão da Banca: revisão formal e textual e alteração do título

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenador: Marlon Jeison Salomon

Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon

Secretário: Cintila Alves Garcia

Cintila Alves Garcia

À minha querida mãe, mulher de fibra e
coragem, cujo apoio e carinho permitiram
a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é resultado de uma profícua jornada acadêmica, iniciada em 2012 durante a graduação em História na PUC-GO. Desde então, tive a oportunidade de realizar o mestrado em História na Universidade Federal de Goiás, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Libertad Borges Bittencourt, pessoa de coração e sentimento singular, que, sempre atenciosa, guiou e apontou os melhores caminhos para a realização do presente estudo.

Agradeço aos meus familiares, pessoas que sempre me apoiaram em todos os momentos: Creuza Santana, minha majestosa mãe, aos meus irmãos: Lidiane, Rodrigo e Maria Caroline. E à Fernanda Cardoso Franco, esposa, companheira e amiga! Pessoa especial que sempre me incentivou na produção deste trabalho.

Agradeço também aos demais professores do quadro docente da Faculdade de História da UFG, sobretudo Fabiana de Souza Fredrigo, Eugênio Rezende de Carvalho e Carlos Oiti Berbert Junior, que, em suas disciplinas, me ajudaram, direta e indiretamente, na produção do saber histórico.

Agradeço a todos os colegas de mestrado, em especial aos colegas: Hugo Rincon Azevedo, Weverson Cardoso, Cleiton Ricardo das Neves, Eva Cristina e Juliana Pacheco, que colaboraram desde o primeiro momento em que entrei nessa jornada acadêmica, com discussões acaloradas e momentos de descontração.

Ao grande amigo Robson Nunes, por todo apoio e incentivo. *¡Que viva México!*

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de estudos; um incentivo fundamental ao desenvolvimento de minhas pesquisas.

Não poderia finalizar esses agradecimentos sem mencionar novamente a querida e excepcional orientadora Prof^a. Dr^a. Libertad Borges Bittencourt, pelos momentos de dificuldades, cobranças, elogios e paciência com esse jovem historiador, que aprendeu muito com suas palavras desde o momento de avaliação do trabalho final de graduação em 2014, até o término dessa dissertação de mestrado.

Por fim, a todos que me transmitiram os conhecimentos necessários para minha formação acadêmica e intelectual.

Meu muito obrigado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE I - O CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉXICO INDEPENDENTE	27
1.1- <i>Justo Sierra Méndez e o porfiriato</i>	27
1.2- Independência, Restauração da República e Reforma.....	37
1.3- <i>La era Actual: uma crítica positiva</i>	56
1.4- Ideias, Tramas e Política: um México inquieto	61
PARTE II - A POSITIVAÇÃO DA IDENTIDADE MESTIÇA MEXICANA.....	71
2.1- O ensaio e o papel social do intelectual	72
2.2- A experiência positivista mexicana	78
2.3- <i>Los científicos</i>	87
2.4- A evolução social e política de <i>Sierra</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

RESUMO

O presente estudo examina a atuação do ensaísta e intelectual mexicano *Justo Sierra Méndez* (1848-1912), no projeto de problematização e defesa de uma identidade mestiça para o México, em fins dos oitocentos. O ponto fulcral da pesquisa é analisar as categorias arroladas por *Sierra* em seus ensaios, partindo dos pressupostos da História Cultural, visando sistematizar e prover o debate sobre mestiçagem, identidade e política no México oitocentista. Portanto, a proposta do presente estudo é examinar o pensamento de *Sierra* no que concerne à formação multicultural da nação mexicana, em meio aos problemas sociais e políticos que assomavam o pensamento social naquele país entre os séculos XIX e início do XX.

Palavras-chave: México; Mestiçagem; Progresso; Ensaio; Política.

ABSTRACT

The present study examines the performance of Mexican essayist and intellectual Justo Sierra Méndez (1848-1912), in the project of problematization and defense of a mestizo identity for Mexico in the late nineteenth century. The main point of the research is to analyze the categories listed by Sierra in his essays, starting from the assumptions of Cultural History, in order to systematize and provide the debate on mestizaje, identity and politics in nineteenth century Mexico. Therefore, the purpose of this study is to examine Sierra's thinking regarding the multicultural formation of the Mexican nation amid the social and political problems that besieged social thought in that country between the nineteenth and early twentieth centuries.

Keywords: Mexico; Miscegenation; Progress; Test; Politics.

“Engendrado com violência e sem alegria, com dor vem o mestiço ao mundo”. A frase, que me parece expressiva, é de Fernando Benitez. O mestiço, como a própria nação mexicana, é um produto da violência e da cupidez do espanhol. Surgido desde os primeiros dias da Conquista no cenário mexicano, esse tipo híbrido foi aos poucos constituindo uma espécie de ponte, de traço de união entre o europeu e os diversos grupos raciais do México; foi também um transmissor da cultura europeia aos nativos. Se considerarmos o índio pré-cortesiano como representante dum mundo caótico sem unidade nacional, dividido por diferenças de língua, costumes, interesses em conflito, e outras rivalidades, e se encararmos o espanhol como uma figura estranha a todo aquele meio bárbaro – teremos de reconhecer que o mestiço foi mesmo, desde os primeiros tempos da Colônia, o elemento mais importante da população mexicana, talvez o único a ter realmente uma ideia ou, melhor, um desejo de nação.

(VERÍSSIMO, 1996, p. 257)

INTRODUÇÃO

De maneira geral, no Brasil ainda conhecemos pouco sobre a rica e instigante história da América Latina. Felizmente, em anos mais recentes têm sido estabelecidas e aprofundadas conexões, sobretudo no campo acadêmico e debates sobre questões étnicas, culturais econômicas, políticas e sociais vem constituindo as narrativas indentedárias da referida historiografia. Das complexas relações entre os países do continente e o considerado primeiro mundo, temos como ponto nevrálgico o século XIX e início do XX, instantes chave nas configurações tanto territoriais quanto no sentido de nação de cada país latino-americano, forjadas pós-independência.

Nesse passo, a própria historicidade do termo América Latina possibilita uma gama de interpretações, disputas políticas e conceituação étnica amplamente difundida ao longo do século XIX. Sob esse prisma, as pesquisadoras Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino¹, em obra publicada recentemente, intitulada *História da América Latina* (2014), analisam de maneira crítica as circulações de ideias e os embates militares e políticos do continente americano, do seu nascedouro aos dias atuais. As autoras apontam “as polêmicas que envolveram, de um lado, franceses e ingleses (século XIX) e, de outro, latino-americanos e norte-americanos (séculos XIX e XX)” (PRADO, PELLEGRINO: 2014, p.8). Tais embates serviram de afirmação por parte dos franceses e ingleses, que se autoproclamavam com direitos de ancestralidade, buscando a manutenção do controle no jovem continente, imediatamente após as independências, bem como serviu de refutação por parte de intelectuais latinos, que buscavam a construção de uma identidade própria em nível continental. Sobre essa perspectiva, as autoras problematizam o viés político da conceituação do termo América Latina:

A precisa origem do termo tem sido alvo de controvérsias. Para uma corrente, os franceses propuseram o nome como forma de

¹ Maria Ligia Prado, doutora em História Social pela USP, é professora titular aposentada de História da América Independente no Departamento de História da mesma universidade. Gabriela Pellegrino é professora de História da América na mesma instituição.

justificar, por intermédio de uma pretensa identidade *latina*, as ambições da França sobre esta parte da América. Para outra, foram os próprios latino-americanos que cunharam a expressão para defender a ideia da unidade da região frente ao poder já anunciado dos Estados Unidos. (PRADO, PELLEGRINO, 2014, p.8).

Entre os antagonismos franceses e anglo-saxões, o jovem continente foi lentamente se tornando palco também de disputas de ordem intelectual. Ponto importante desse momento foi à visita feita ao continente pelo francês *Michel Chevalier*², que considerava a formação do mundo ocidental a partir do embate entre civilizações e raças. *Chevalier* fez uma insólita ponte entre “latino católicos” e “anglo-saxões protestantes”, esses últimos com ampla representatividade na Europa, ressaltando o papel da França como a primeira das nações latinas e seu dever moral de conter o avanço da cultura anglo-saxônica na América. Já do ponto de vista do autor uruguaio *Arturo Ardao*, o termo América Latina, foi utilizado pioneiramente pelo escritor colombiano *José María Torres Caicedo*, em poema redigido em 1857, intitulado: “As Duas Américas”. Para *Ardao*, estava clara a disputa política e identitária que o conceito trazia em seu bojo³.

Para além das disputas autorais da denominação, sobre as quais muitos autores se debruçaram, os esforços para a constituição de uma identidade nacional unívoca para os recém emancipados Estados nacionais no continente, durante o século XIX, não só revelava a dificuldade das conexões regionais, dado o caráter eminentemente arbitrário das novas configurações fronteiriças, bem como reforçava o caráter excludente sobre a maioria dos contingentes étnicos que compunham as populações. Claudia Wasserman é uma das autoras que examina os momentos históricos em que ocorreram os surgimentos das nações e das nacionalidades locais. A autora questiona a formação nacional no continente enquanto um dado ontológico, reforçando a

² Michel Chevalier (1806-1879) foi um economista, intelectual de professor francês, apoiador da política de Napoleão III e ensaísta liberal.

³ Arturo Ardao problematizava a força dos Estados Unidos da América no continente. Nessa perspectiva, a divisão entre as Américas era algo inevitável.

constante atração por modelos estrangeiros e reiterando a circulação de ideias como incompletude, imaturidade, desvios e deformações na constituição dos países no sub continente:

Grande parte da historiografia latino-americana considera as identidades nacionais como dados ontológicos, e as nações, como entidades sociais originárias, que estiveram presentes desde o período pré-colonial para alguns, desde a colônia para outros, ou mais frequentemente, desde as independências. Muitas vezes, como no caso dos militares que participaram nos processos de independência, essas ideias de existência prévia de identidades nacionais emanavam de um desejo de que existissem nações e nacionalidades nestes territórios, mais do que fruto da observação empírica e objetiva destes políticos. (WASSERMAN, 2013, p.20).

Nesse sentido, o estabelecimento das identidades nacionais passava primeiro pela consolidação das “histórias nacionais”. Nessa etapa formativa, muitos intelectuais tiveram que atuar em duas frentes: Primeiro, receberam a incumbência ou se auto atribuíram o dever de escrever a história da nação e, como desdobramento, envidaram esforços para estabelecer as bases identitárias que dariam sustentação às mesmas. Sobre esse processo, BITTENCOURT (2010), no estudo *O Crisol americano e as identidades nacionais: O lugar das Américas no pensamento hispano-americano nos séculos XIX e XX* faz uma reflexão sobre o papel dos intelectuais que buscavam elaborar narrativamente as histórias nacionais:

Os projetos que pretendiam forjar “nações” tinham de, simultaneamente, reconhecer a diversidade e a peculiaridade latino-americanas, considerando a matriz cultural da colonização, que conferiu sentido à constituição americana. Sob essa perspectiva, a identidade latino-americana se confrontava com o desejo e a dificuldade em se libertar do paradigma colonial. Fazia-se urgente superar esse paradigma, rompendo com os mecanismos de dependência, reinventando ideias que valorizassem as características quase atávicas

desse novo ser que se posicionara no Ocidente, sem ser reconhecido inteiramente como tal; havia algo mais que era preciso descobrir e valorizar para confirmar esse novo lugar histórico e historiográfico (BITTENCOURT, 2010, p. 5).

Nessa etapa, a representação de projetos indetentários dialogava com o desejo de progresso e modernidade dos então novos líderes. Essa é uma questão de vulto para os meus propósitos: o protagonismo não apenas dos governantes, mas, sobretudo, dos intelectuais que tiveram então espaço significativo, como foi o caso emblemático de *Justo Sierra*, que elaborou um abrangente projeto social para o México. Para essa verticalização que aqui proponho, é preciso pensar na escolha do próprio tema de pesquisa. Sobre esse ponto, recorro às fundamentações do historiador francês *Michel de Certeau*,⁴ que assinala a importância do historiador como agente criador de narrativas que respondem aos anseios políticos e sociais, a partir de uma trama que englobe os principais aspectos de uma sociedade, uma narrativa que não busque o real tal como ele existiu e sim como versões pensadas. Sobre esse ponto o autor afirma:

A operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzindo como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas. (CERTEAU, 2011, p.47).

De acordo com o *Certeau*, o fazer histórico é a fusão de prática, escrita e disciplina. Para o autor, o historiador possui dentre suas funções a capacidade de selecionar e dar voz ativa ou não aos atores sociais. A escrita da história faz

⁴ Michel de Certeau (1925 - 1986), historiador e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia e ciências sociais.

parte de uma prática social e política, que está orientada por anseios e interesses do lugar social. Portanto, uma das funções da história enquanto escrita nacional é passar valores e assumir um caráter didático mediante a construção narrativa. Assim, a narrativa, na concepção desse autor, é interpretativa, isto é, uma relação entre as fontes e a criatividade do historiador. A narrativa é pensada por ele como um sopro criativo, pois interpreta um recorte histórico e busca encontrar sentido para além da aparência inicial. Daí se estabelece a análise de uma obra historiográfica, que aponta a trama de ideias em um determinado momento histórico. Reportando-me a essas concepções é que iniciei meu exame sobre o autor que arrolei para análise.

A elaboração de qualquer texto historiográfico requer atenção, tempo, dedicação e gosto pelo tema pesquisado. Ao longo de minha jornada acadêmica, tive despertado, ainda no período de graduação, o pendor pelas disciplinas relacionadas com a história da América. Nesse campo maior, algo parecido com “amor à primeira vista” aconteceu ao ler, estudar e trabalhar textos voltados para a história do México, sobretudo seu processo de independência (1810-1821) e o movimento revolucionário, veiculado pela historiografia sobre a Revolução Mexicana (1910). Ao longo do século XIX, o México passou por sobressaltos políticos, sociais e culturais, que instigaram meus questionamentos sobre a história daquele país. E foi justamente nessas problematizações que tive contato com as obras do autor que elegi para nortear meu trabalho monográfico, bem como para fundamentar a presente dissertação de mestrado.

O autor em questão é o mexicano *Justo Sierra Méndez*,⁵ que em seus ensaios: *História Política* e *La Era Actual*, escritos para a coletânea de três volumes *México: Su Evolución Social*, que *Sierra* organizou entre 1900 e 1902, e publicados em conjunto na década de 1940 como *La Evolución Política del*

⁵*Justo Sierra Méndez* (1848-1912), nasceu na cidade de Campeche em 1848, completou seus estudos em sua cidade natal e mais tarde mudou-se para a cidade do México onde, em 1871, graduou-se advogado. Ocupou cargos políticos importantes, foi membro do congresso, juiz da Suprema Corte e vice-secretário da Instrução Pública e Belas Artes entre os anos de 1905-1911. *Justo Sierra* foi nuclear para o desenvolvimento da cultura e filosofia no México, fundando, em 1910, a Universidade Nacional do México. Ele morreu em Madrid, em 1912, no exercício do mandato de Ministro Plenipotenciário na Espanha. Seus restos mortais foram trasladados para o México, estando agora no Templo dos Homens Ilustres.

Pueblo Mexicano, e a obra de caráter biográfico: *Juarez, su obra y su tempo* (1905), formaram o *corpus* documental da pesquisa, dando sustentação às problematizações acerca da complexa configuração identitária e étnica do México, em fins do século XIX. Nas palavras do poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano Alfonso Reyes (1889-1959), Sierra tem lugar de destaque entre os principais criadores da tradição hispano-americana dos oitocentos e novecentos: *Bello, Sarmiento, Montalvon, Hostos, Marti e Rodó*, destacando a proeminência de Sierra em suas obras, ao realizar um habilidoso e profícuo diálogo entre poesia, história e literatura na escrita ensaística sobre a sua nação. Ao receber a tarefa de redigir o prólogo da edição compacta da obra *La Evolución Política del Pueblo Mexicano*, em 1940, Reyes não hesita em elaborar de maneira laudatória a valorização e defesa de Sierra, para a produção historiográfica do México:

Evocación e interpretación, la poesia de la historia y la inteligéncia de la historia: nada faltaba a Justo Sierra. su mente es reacia al hecho bruto. Pronto encuentra la motivación, desde el estímulo puramente sentimental hasta el puramente económico, pasando por el religioso y el político. La historia no es solo una tragedia, no le basta sacudir La piedad y el terror de los espectadores en una saludable catharsis. La historia es un conocimiento y una explicación sobre la conducta de las grandes masas humanas. A ella aporta Justo Sierra una información sin desmayos, y un don sintético desconcertante en los compendiosos toques de su estilo. Así, en la historia mexicana, resuelve en un instante y con una lucidez casi vertiginosa algunos puntos que antes y después de el han dado asunto a disquisiciones dilatada. La densidad de la obra, el grana aire que circula por ella, la emparentan con las altas construcciones a la manera de Tocqueville.⁶

⁶ Parte do prólogo escrito por Alfonso Reyes, p. 13.

Ao longo do prólogo, Reyes destaca o modo exemplar como *Sierra* desempenhou o papel de historiador durante o *porfiriato*⁷, ressaltando as relações entre educação⁸ e ciência tão evocadas e defendidas por *Sierra* em seus ensaios. Ainda no prólogo da obra, Reyes (1986. p. XIII) aponta que “*el ensayo histórico deja traslucir, consciente o inconscientemente, el ángulo de visión del historiador y el lenguaje mental de su época, visión y lenguaje que contienen una representación del mundo*”. Entretanto, apesar de eu enfatizar o enlevo de Reyes pelo autor que examino, a importância dos ensaios de *Sierra* para a história do México é nuclear e ele é considerado um luminar. Reyes registra o fato da obra de *Sierra* ter dado o devido destaque e importância ao passado pré-colombiano do México, tecendo a trajetória que antecede a formação do estado nacional, dos primórdios até a consolidação da República.

Entre o final do século XIX e início do XX, as representações de organização social, modernidade e progresso eram constituídas a partir do modelo europeu. Entretanto, a prática eurocêntrica então vigente passa a ser questionada por alguns intelectuais do continente, que buscavam estabelecer uma identidade própria para o “ser latino-americano”, valorizando povos e raças que contribuíram para uma mescla que consideravam original. O intelectual mexicano *Justo Sierra*, fruto de uma geração letrada, buscou mapear os elementos que forjavam o México após sua independência. Sua relevância e importância para o pensamento histórico mexicano é fulcral. Ao estabelecer suas áreas de estudo e luta *Sierra* não apenas contribuiu para a elaboração de um projeto político para o México, em fins do século XIX, como, em certa medida, legitimou o controverso governo de *Porfirio Díaz*. Claudia Wasserman aponta o papel de *Sierra* na tarefa de construção da identidade nacional mexicana:

⁷ O termo será mais bem explorado ao longo do texto.

⁸ O artigo da pesquisadora Júlia Rany Campos Uzun, mestre em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas: “Identidades construídas durante o porfiriato (1876-1991) quem era o cidadão mexicano que os científicos queriam formar?” Publicado nos Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH do ano de 2011 problematiza a produção de manuais escolares de *Justo Sierra*, como instrumento de formação do novo cidadão mexicano.

O positivista Justo Sierra, íntimo colaborador do governo Díaz, considerava a necessidade da educação para o engrandecimento do seu país. Em 1910, ele escrevia no livro “*Evolución política del pueblo mexicano*” que “a nação mexicana não tinha trezentos anos de vida, mas de laboriosa e deficiente gestação”, pensava que “com a independência havia surgido uma nova nação”, mas considerava o México “um país débil, por sua escassa e disseminada população, subtraída ainda *en parte a la vida culta y a la plena nación de la pátria, ha sido vencido en sus luchas internacionales, aunque nunca dominado.* (WASSERMAN, 2013, p.58).

A constituição da identidade foi tema corrente entre muitos intelectuais da segunda metade do século XIX. Discursos que conectavam anseios pessoais e políticos, em forma de ensaios ou livros ganhavam força, ao passo que as nações se fortaleciam após os levantes independentistas. Nesse passo, o presente estudo visa destacar como as ideias e pensamentos de *Justo Sierra* tentaram forjar um novo México: livre, mestiço e moderno. Para tal, buscaremos discutir em que medida seus textos dialogavam com a realidade mexicana do regime de *Díaz*, uma vez que a população letrada era uma pequena parcela da sociedade mexicana e as formas repressivas do porfiriato ditavam as regras para inimigos e aliados.

O esforço de *Sierra* em pensar a nação e seu povo não era um fator exclusivo do México nos oitocentos. A título de exemplo, destaco os estudos de caso do Chile, com o ensaísta *Francisco Bilbao* e a Argentina, com o ensaísta *Domingos Faustino Sarmiento*⁹. Para *Sierra*, o motor da história estava destinado ao progresso. Tal movimento levaria o México à liberdade política, econômica e social e ele tratava a educação como a principal ferramenta, capaz de tirar o México da escuridão e barbárie de sua então breve jornada independente. Diferentemente de muitos autores em seu período, o mestiço era foco importante de reflexão do autor, era preciso promover o mesmo à

⁹ Para estudo mais aprofundando ver o título publicado recentemente pela Editora UFG: Leituras canônicas e tradição pátria. O pensamento hispano-americano oitocentista em *Bilbao, Sarmiento e Sierra.* (2016), escrito pela professora Libertad Borges Bittencourt.

condição de parte do corpo social nacional¹⁰. Sua principal defesa e exemplo nesse sentido foi o presidente indígena *Benito Juarez*, que, na concepção de *Sierra*, era um grande homem que marcou seu tempo e sua época com ações políticas e sociais, garantindo ao México continuar na marcha do progresso.

Sierra ainda é pouco conhecido no Brasil. Carente de traduções de suas obras em português¹¹, ainda assim esse autor tem se tornado entre nós figura presente em textos acadêmicos e livros que versam sobre estudos latino-americanos nos oitocentos. Sempre reverenciado como grande “maestro”, *Sierra* é lembrado por sua luta em prol da educação básica e superior. Sobre a importância do autor, destaco a análise de Bittencourt, que aponta o autor como:

Um luminar, tendo ocupado por muitos anos a cátedra de *História da Escola Nacional Preparatória*. Destacou-se também como diretor da *Revista Nacional de Letras y Ciencias* e colaborou nas principais publicações mexicanas de seu tempo, tendo exercido forte influência nos meios intelectuais em seu país. (BITTENCOURT, 2016, p. 9).

Nesse passo, o historiador Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2011: p.51), ressalta o fato de *Sierra* ser uma figura política jovem e proeminente, juntamente como *José Yves Limantour*, “mago das finanças” e *Bernardo Reyes*, que tinha forte ligação com as forças militares mexicanas. Na concepção do autor, em qualquer cenário possível para o México pós *Porfírio Díaz*, lá estavam os nomes dos três. Outro pesquisador que enfatizou a singularidade de *Sierra* foi *Claudio Lomnitz* (2008, p.443-444), em artigo intitulado: *Los intelectuales y el poder político: la representación de los*

¹⁰ Uma das vozes preponderantes contrárias ao mestiço e o índio, foi o intelectual mexicano Francisco Pimentel (1832-1893), que vislumbrava a prática da mestiçagem como meio para eliminar o fenótipo índio da população e o campo educacional como forma de acabar com seu passado e imaginário. Sobre esse tema ver o trabalho do historiador e pesquisador Luiz Estevam de Oliveira Fernandes; *A mestiçagem como exclusão do indígena nas propostas de Francisco Pimentel (México – 1864)*, publicado nos anais do 9º encontro internacional da ANPHLAC.

¹¹ Destaco o fato de *Sierra* ainda não ter suas obras completas em português, ainda que exista no meio virtual partes de seus textos traduzidos para o português de maneira livre.

científicos en México del porfiriato a la revolución, publicado na monumental obra *Historia de los intelectuales en América Latina*. Em seu texto, Lomnitz reitera o legado modernizador nas instituições mexicanas, propiciado pelo grupo dos científicos. O autor cita *Sierra* como figura central no processo de transformação educacional mexicana, uma mudança para moldes liberais e seculares.¹² Por sua vez, ao referenciar o papel de *Justo Sierra* no cerne do governo *porfirista*, o historiador Américo Nunes, na obra: “As Revoluções do México”, cita o poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano *Octavio Paz*, que também situa *Sierra* como figura ímpar no grupo dos científicos:

Justo Sierra es el primero que comprende el significado de esta situación. A pesar de sus antecedentes liberales y positivistas, es el único mexicano de su época que tiene la preocupación y la angustia de la Historia. La porción más duradera y valiosa de su obra es una meditación sobre la Historia universal y sobre la de México. Su actitud difiere radicalmente de las anteriores. Para liberales, conservadores y positivistas la realidad mexicana carece de significación en sí misma; es algo inerte que sólo adquiere sentido cuando refleja un esquema universal. Sierra concibe a México como una realidad autónoma, viva en el tiempo: la nación es un pasado que avanza, tortuoso, hacia un futuro; y el presente está lleno de signos. En suma, ni la Religión, ni la Ciencia, ni la Utopía nos justifican. Nuestra historia, como la de cualquier otro pueblo, posee un sentido y una dirección. Acaso sin plena conciencia de lo que hacía, Sierra introduce la Filosofía de la Historia como una posible respuesta a nuestra soledad y malestar. (PAZ, 1992, p.56)

Nessa linha de raciocínio, o pesquisador e professor de História da Universidade de Iowa, Charles A. Hale (2009, p.341-342), assinala o fato de *Sierra* fazer parte de um grupo de intelectuais imbuídos da tarefa de legitimar e

¹² Exemplo máximo dessa mudança é a criação da *Universidad Nacional de México* (UNAM).

fortalecer o governo de *Porfirio Díaz*, combinando “a filosofia histórica do direito com novas doutrinas “científicas” para dar um apoio significativo a um regime autoritário que duraria trinta e cinco anos”. Ao mapear as referências a *Sierra* nas obras citadas, reiteramos que o estudo sobre o autor é pertinente, uma vez que, enquanto intelectual, *Sierra* foi emblemático e paradoxal ao fazer parte de um governo ditatorial e defender a liberdade política, valorizar o mestiço como parte nuclear da identidade mexicana e envidar esforços para intensificar e universalizar o processo educacional naquele país.

Para os nossos propósitos, trabalharemos com o conceito de identidade e representação na perspectiva de autores situados no interior dos estudos culturais. Não obstante os dissensos sobre o termo, entendemos que a construção de identidades está diretamente ligada a práticas narrativas, que mediante o discurso e representação buscam conceber sentido a uma cultura em determinado tempo e espaço. Nesse passo, levantamos a questão: qual a identidade proposta por *Sierra* para o México? Tal indagação sugere uma gama de possibilidades. Para além das possíveis respostas, destaquemos aqui que o recorte desta pesquisa enfoca a segunda metade do século XIX e início do XX no México. A adoção de tal período deve-se, sobretudo, às datas de publicações das obras aqui arroladas, bem como o instante antecedente ao início da revolta popular armada, a paradigmática Revolução Mexicana (1910) em que a atuação de *Sierra* foi proeminente.

Em face dessas considerações, é importante reiterar a identidade, no âmbito essencialista que ainda encontra guarida em algumas narrativas, pode ser entendida como um fato natural ou, de outro lado, construída mediante a prática discursiva, que é o espaço reconhecido academicamente. Em ambas as possibilidades, a busca por unidade social de uma comunidade, povo ou nação se torna a tese central. Mapeando os estudos sobre identidade latino-americana, nos reportamos aos estudos do pesquisador *Larrain Ibañez*, que aponta três vias possíveis para o que se define enquanto identidade:

Una constructivista, de carácter plural y totalmente abierta a cualquier cambio; otra esencialista, estrecha y cerrada a todo cambio; y otra, intermedia, incluyente y en falta de mejor

nombre, podríamos denominar histórico-estructural". (IBAÑEZ, 1996, p.214).

De acordo com o autor, na concepção construtivista, a identidade cultural é fruto de um discurso, que teria como meta organizar a vida social. Isto é, o discurso cria a identidade do sujeito. Na leitura essencialista, o caráter identitário é algo que se apresenta no instante de criação da nação, por exemplo, que passa a ser compartilhado pelo povo de maneira dada, natural. Já o pensamento histórico-estrutural se estabelece na fusão das duas categorias anteriores, pois pensa a identidade como constructo cultural; essa identidade cultural teria caráter dinâmico, em que as práticas e representações determinam a identidade.

Nesse sentido, nosso estudo diz respeito também à representação de progresso proposto por *Justo Sierra* em suas obras, nas quais podemos verificar uma amálgama de posicionamentos e conceitos que fundamentam seu discurso e que respaldam seu projeto identitário, mesmo que o termo não seja corrente nos seus ensaios, de resto uma característica comum aos ensaios decimonônicos sobre as nações que se forjavam. Para entendermos tal concepção, utilizaremos o conceito de representação de Roger Chartier (1990, p. 17), na obra *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. De acordo com o autor, "as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam". Para o autor, há práticas sociais que não podem ser reduzidas a meras "representações", pois as mesmas possuem uma lógica própria. Daí ser importante no seu pensamento o conceito-chave de leitura, nesse processo de ir do discurso ao fato, daí a ideia de considerar as representações enquanto portadoras de diferentes sentidos. Nesse passo, Chartier (1991, p.184) reitera que um discurso não é neutro, pois o conjunto social guarda percepções distintas e "a representação faz ver uma ausência, o que pode ser uma distinção clara entre o que representa e o que é representado"; por outro lado, também "é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa".

Por sua vez, a presente pesquisa preza o aporte metodológico da análise de discurso, entendendo-a como adequada para o equacionamento dos problemas propostos pelo presente estudo. Segundo o historiador José D' Assunção Barros (2013, p. 134-135), “a fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com seu problema”. Dessa forma, entende-se a importância e a dimensão da fonte histórica textual como ‘discurso’. Poderíamos afirmar que, contemporaneamente, parte das práticas historiográficas se insere em uma História do Discurso (ou, se quisermos uma História Textual). Um discurso qualquer pode ser analisado tanto a partir de uma ‘abordagem qualitativa’, como a partir de uma ‘abordagem quantitativa’, ou de uma ‘abordagem serial’, que examina documentos reunidos em conjunto, por uma série de ordenações. Embasarmos-nos em alguns aportes da análise do discurso nos ensaios de *Justo Sierra* se mostra um caminho profícuo, uma vez que permite dimensionar quem era o cidadão desejado em seu projeto nacional. Nesse propósito, José D' Assunção Barros aponta que a análise de um discurso deve contemplar três dimensões fundamentais:

O intratexto, o intertexto e o contexto, sendo inegavelmente ricas para a produção historiográfica: “O ‘intratexto’ corresponde aos aspectos internos do texto e implica exclusivamente na avaliação do texto como objeto de significação; o ‘intertexto’ refere-se ao relacionamento de um texto com outros textos; e o contexto corresponde à relação do texto com a realidade que o produziu e que o envolve. (BARROS, 2013, p. 137)

Ainda reportando as bases teóricas da análise de discurso, destacamos o importante e clássico trabalho da pesquisadora Eni P. Orlandi, intitulado *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos*, que elabora uma reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. Na perspectiva da autora, na análise de discurso o foco central é compreender e dar sentido a língua, enquanto bem simbólico:

A análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2000, p.15)

A autora explora a relação entre sujeito e linguagem, isto é, falar é tomar partido, identificar-se com. Sob essa perspectiva, toda ação social ou política está na base da constituição das subjetividades e da própria existência humana. Eis o ponto de ligação com os ensaios de *Sierra*, que, a partir do seu privilegiado local de fala, questiona as formas de representação vigentes, buscando criar novas possibilidades, realidades e símbolos.

Para a consecução dos nossos propósitos, a presente dissertação foi estruturada em dois capítulos. No primeiro, composto por três subtópicos, examinamos o contexto histórico de formação do México independente, partindo de um esforço bibliográfico, com problematizações acerca do debate identitário latino-americano. Nessa primeira parte, destacamos o contexto histórico da atuação de *Justo Sierra*, assinalando os elementos balizadores de sua vida intelectual. Ao fim da primeira parte, buscamos apontar as ideias e temas propostos por *Sierra* ao longo do extenso governo de *Porfirio Díaz*, mapeando elementos singulares da obra desse autor, em detrimento aos demais científicos.

No segundo capítulo, também composto por três subtópicos, destacamos o papel e a importância do ensaio como categoria importante para a produção do conhecimento histórico. Além da ênfase no pensamento crítico de *Sierra*, em relação aos rumos do México em fins dos oitocentos, nessa etapa da escrita focaremos a singularidade do positivismo em solo mexicano, bem como os efeitos práticos do mesmo na política e sociedade daquela nação. Por fim, buscamos apontar as tentativas de se forjar uma identidade única e original para o México, que *Sierra* vislumbrou e apontou em seus ensaios; nesse caso, propondo uma nação modelar: moderna, mestiça e livre.

PARTE I

O CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉXICO INDEPENDENTE

Este capítulo tem por objetivo discutir os destacados aspectos acerca do processo de formação do Estado mexicano, apresentando os principais atores, intelectuais e políticos que elegemos neste estudo. Partindo de significativo esforço bibliográfico, a primeira parte do estudo examina as contradições e inquietações sociais e políticas do México ao longo do século XIX, destacando a disputa entre liberais e conservadores imediatamente após as lutas pela independência, os intelectuais e a circulação de ideias, com foco na vida e obra de *Justo Sierra Méndez* e, por fim, o longo governo do General *Porfirio Díaz*.

1.1- *Justo Sierra Méndez e o porfiriato*

Tenho, entretanto, a impressão de que no México o mestiço resolveu em grande parte o seu problema por meio duma reconciliação com seu passado índio. Não há no país a vergonha de ter sangue asteca ou qualquer outra origem indígena. Isso hoje é até um motivo de orgulho. Às vezes dum feroz orgulho, o que não deixa de ser uma fonte de novos problemas.

(VERÍSSIMO, 1996, p. 258)

Para os propósitos que aqui elegemos, torna-se fundamental uma breve apresentação do intelectual mexicano Justo Sierra Méndez, que nasceu em San Francisco de Campeche (México), em 26 de janeiro de 1848, no ano em que o México assinava o tratado de Guadalupe Hidalgo, após a guerra contra os Estados Unidos, ao fim da qual o México perdeu metade dos limites originais e ano também marcado pelos constantes embates entre liberais e conservadores, no instante posterior ao processo de independência. Filho de Justo Sierra O' Reilly, advogado, escritor e historiador e Concepción Méndez Echazarreta, ambos com relativo prestígio social e político na região de *Yucatán*, *Sierra* foi educador, historiador, escritor, advogado, diplomata e

secretário da Instituição Pública e Belas Artes, o que lhe permitiu amalgamar e levar à frente seus projetos de reflexão acerca da formação da nação mexicana, com base na educação, ordem e progresso. No âmbito da educação, dentre outros pontos, teve como ápice a transformação da principal instituição de ensino superior em seu país, que se tornou a Universidade Nacional de México, em 1910, nos instantes finais do governo de *Porfirio Díaz*.

Sierra iniciou sua jornada intelectual como literato, com foco no gênero poético. No ano de 1867, publicou suas primeiras obras: *Cuentos românticos* e *El Angel del porvenir*, escritos em prosa e verso. Segundo *Ocampo* (2010), suas primeiras obras já apontavam a importância da França em sua formação intelectual, com influência direta do poeta, novelista e dramaturgo francês Alfred Louis Charles de Musset. A mudança de paradigma de *Sierra* para temas políticos ocorreu após contatos com o pensamento liberal dos autores Ignacio Ramírez, Ignacio Manuel Altamirano e Gabino Barreda¹³, dentre outros; este último responsável por apresentar a filosofia positivista a *Sierra*.

As obras completas de *Sierra* foram publicadas pela UNAM em 1948 e republicadas em 1977. Ao todo, foram quinze livros dirigidos e organizados pelo escritor mexicano Agustín Ibáñez, que na introdução da obra *Juarez, su obra y su tiempo* (1905) aponta a importância de *Sierra* para a intelectualidade latino-americana¹⁴, ao fomentar o debate sobre heróis, pátria e política “uno de los estímulos a que, mas rápida y efusivamente respondia el temperamento apasionado de Don Justo Sierra, fué la idea-y sentimiento constante, a la vez”.

Em suas obras, *Sierra* dialogou com a orientação positivista de Auguste Comte, em fusão com os pensamentos e teorias de Herbert Spencer e Stuart Mill; ambos autores estavam em voga na segunda metade do século XIX e

¹³ Gabino Barreda (1818-1881) médico, filósofo e político mexicano. Primeiro diretor da Escola Nacional Preparatória. Um dos responsáveis por introduzir o estudo e debate sobre a filosofia positivista no México ao longo do século XIX.

¹⁴ No uso do termo Latino-América nesse período é preciso pensar a questão apontada, entre outros, por BETHEL (2009, p. 293): “Quando os escritores e intelectuais brasileiros se referiam ao mundo fora do Brasil, não pensavam na América Espanhola – de fato, não se consideravam parte da “América Latina”-, e sim da Europa, principalmente na França ou, em casos mais raros, na América como um todo, incluindo os Estados Unidos”. O contrário também era verdadeiro Apesar de considerações que questionam essa assertiva, no caso aqui a influência de *Sierra* não foi extensiva ao Brasil.

Sierra, que fizera seus estudos no Liceo Franco-mexicano e no Colégio de San Ildefonso, estava atento às principais correntes intelectuais do continente europeu¹⁵. Em texto publicado em 2010, Javier Ocampo López discute as principais obras de caráter biográfico sobre *Justo Sierra*; além de elencar as características da escrita de *Sierra* e sua consideração quase hagiográfica como “El Maestro de América”, aponta a precoce ligação de *Sierra* com temas políticos e sociais:

En el año 1880, al abogado Justo Sierra Méndez fue elegido Diputado en el Congreso Nacional, iniciando su actividad política durante treinta y dos años. Su primera intervención en la Cámara de diputados en 1880 fue su planteamiento sobre la necesidad de una instrucción cívica para “despertar y consolidar el sentimiento del santo amor a la patria”. También habló sobre la conveniencia de proporcionar una educación científica al indígena y no sólo era instrucción rudimentaria que pretendía dársele. En el año 1881 presentó su proyecto para la Reforma educativa de la Educación primaria, con carácter de pública y oficial; asimismo la creación de la Universidad Nacional de México, que tres décadas después inauguró siendo Ministro de Instrucción Pública. (LÓPEZ, 2010, p.16).

Segundo seus biógrafos, com a nomeação para Ministro da Suprema Corte de Justiça, em 1894, *Sierra* passou a ter relações pessoais mais próximas com as camadas mais altas da cultura e política mexicana. Tal aproximação permitiu, ao mesmo tempo, uma rápida ascensão nos quadros políticos do governo de *Porfirio Díaz*, de modo que, em 1905, foi nomeado ao cargo de Secretário de Educação Pública e Bellas Artes. Enquanto ocupante de cargo político, *Sierra* esteve sempre vinculado ao governo de *Porfirio Díaz*.

¹⁵*Sierra*, em princípio, foi definido como liberal e adepto da filosofia de Comte. Ao longo dos anos, adotou o pensamento de Spencer e ao final do *porfiriato* assumiu uma posição crítica em relação ao cientificismo positivista, como um modelo de organização social possível para o México.

Para ele, a economia deveria estar a serviço do povo, promovendo a educação e a pacificação social, com a conexa relação entre o espaço público e privado.

Ocampo (2010) afirma que, como jornalista e escritor, Sierra estabeleceu seus primeiros passos no ano de 1868, no jornal *Monitor republican*. Em seu espaço semanal no jornal, *Conversaciones del Domingo*, versava sobre temas sociais da época e pequenos contos literários. *Esse mesmo autor* aponta que Sierra, com a ajuda de seus colegas escritores Gutiérrez Nájera, Francisco Sosa e Jesús E. Valenzuela, fundou a Revista Nacional de Letras e Ciências, na qual, posteriormente, viria a publicar a principal obra aqui arrolada: *Evolución política del Pueblo Mexicano*. Como jornalista, Sierra teve sua importância explicitada ao expor as ideias republicanas e liberais no periódico *La Libertad*. Após a consolidação da República e dos governos de Benito Juárez e Lerdo de Tejada, depois das grandes comoções internas, como a ocupação francesa e a entronização do imperador Maximiliano no lugar do presidente eleito Juárez, se configurou um ponto em comum entre grande parte dos intelectuais mexicanos; era preciso um governo capaz de manter a ordem interna e, conseqüentemente, chegar a um estado de pacificação nacional. Em meio aos inúmeros debates, foi criado no dia 5 de janeiro de 1878, na Cidade do México, o periódico *La Libertad*, com apoio direto de Porfírio Díaz.¹⁶ O jornal seria um instrumento dessa nova ordem almejada.

De acordo com Saez (1986), os primeiros editores do periódico foram Eduardo Garay, Telésforo García, Francisco G. Gomes, os irmãos Santiago e Justo Sierra, este último com maior destaque e atividade política nos anos posteriores.¹⁷ O periódico tinha uma diretriz clara em relação ao seu projeto de nação, fundamentado na manutenção da paz interna, que levaria o México ao avanço econômico e, conseqüentemente, ao progresso da nação:

¹⁶ Díaz apoiou a criação do periódico, pois ele defendia publicamente a centralização do poder nas mãos do Executivo como aquele capaz de manter a paz interna.

¹⁷ Em um segundo momento o grupo de redatores mais importantes foram Francisco Bulnes, Porfírio Parra, Manuel Gutierrez Nájera, Manuel Flores e Jorge Hammeken y Mejía. (SAEZ: 1986, p.218).

La Libertad se constituyó por una coincidencia de opiniones; tanto el Presidente como sus redactores consideraban el establecimiento de la paz pública como una condición sine qua non para lograr el desarrollo económico del país. (SAEZ, 1986, p.217).

Entre os anos de 1878 e 1880, a direção do periódico ficou a cargo do jovem intelectual e literato Justo Sierra Méndez, que, com ampla produção e atividade política, foi o principal intelectual e pensador a dar sustentação histórica ao regime de Porfirio Díaz. Seus escritos, no período, expõem sua orientação positivista¹⁸ baseada, em um primeiro momento, na doutrina de Auguste Comte, em fusão com a concepção de Herbert Spencer, segundo os quais as sociedades chegariam ao estado industrial e de progresso após passarem pela anarquia e a guerra. A produção textual de *Justo Sierra* era estruturada em um processo de etapas, isto é, “anarquia – ordem – liberdade”, esta última também podendo ser lida como progresso. *Sierra*, desde jovem, já se mostrava atento à política e ao aspecto social:

Aunque entre 1868 y 1876 Sierra escribe en diferentes periódicos como El Renacimiento (1869), El Domingo (1870), El Siglo Diez y Nueve (1870), El Federalista (1871) su principal produccion de tipo literario, aunque en este último título ya presenta materiales de orientación política y analítica. En definitiva es en La Tribuna (1874), donde da muestra de su genio en la percepción de su realidad y de la orientación política que lo guiará durante su etapa de madurez; su texto titulado “Los Problemas Nacionales y el Gobierno” es un primer acercamiento a lo que hoy podemos llamar sociología política. (RIVERA, 2007, p.3).

¹⁸ Segundo diversos autores, entre os quais Zea (1985) o positivismo foi introduzido no México pelo filósofo *Gabino Barreda*, que tinha sido aluno de Auguste Comte.

As preocupações com a política e com o âmbito social foram a base da escrita de *Justo Sierra* no periódico *La Libertad*. Para ele, a conciliação entre liberais e conservadores seria fulcral para o futuro do México:

El objetivo fundamental del programa de La Libertad era impulsar el desarrollo económico de México, considerado imposible sin el restablecimiento del crédito nacional, y esto a su vez requería el restablecimiento previo de la paz pública. Para restablecer la paz presentaba un programa político, condición sine qua non para llevar a cabo el económico. El programa político contenía dos puntos esenciales. El primer, llamado por La Libertad la política de conciliación, proponía la participación en la administración de todos los elementos que estuvieran en favor del orden, sin distinción de partidos. El segundo, consistía en una serie de reformas a la Constitución de 1857, tendientes a fortalecer por una parte al poder central en relación con los poderes locales, y por la otra al poder ejecutivo debilitando al legislativo. (SAEZ, 1986, p.220).

A crítica à constituição reformista de 1857 era evidente. Para *Justo Sierra*, as experiências de constituições elaboradas no México eram baseadas em leituras europeias, sem cuidado e conexão com a leitura da história própria da nação. Entretanto, reconhecia sua importância no que se referia aos avanços e às conquistas obtidas durante a reforma. O periódico ainda defendeu a independência e a Reforma como momentos positivos da história mexicana. *Carmen Saez* traz à luz essa reflexão:

Para los libertinos, lo realmente importante en la Constitución de 1857 eran las conquistas reformistas. Estas conquistas fundamentales – la separación de la Iglesia y el Estado, la libertad de conciencia y la nacionalización de los bienes del clero- estaban definitivamente consolidadas. (SAEZ: 1986, p. 224).

Dessa forma, podemos compreender a reflexão do periódico sobre tais eventos, entendendo a Independência como a iniciativa de emancipação política em relação ao reino espanhol e a Reforma como aquele momento paradigmático, que deu cabo ao regime econômico, ainda com resquícios do período colonial. Para Justo Sierra, tanto o Partido Liberal quanto o Partido Conservador, durante anos de lutas, procuravam apenas aplicar, de modo unilateral, seus dogmas. Na sua concepção, o método científico representava uma real “evolução” da nação, pois a sociedade era entendida como um organismo vivo e desta forma sua evolução seria algo natural.¹⁹

Nessa perspectiva, Julio Ramos, na obra: *Desencontros da modernidade na América Latina: Literatura e política no século XIX* (2008, p,98) discute a conexão entre a prática literária, jornalismo e o espaço político das jovens nações latino americanas ao longo dos oitocentos. Para o autor as dificuldades em delimitar a heterogeneidade do sujeito latino-americano podem ser discutidas a partir de duas possibilidades; uma leitura binária da formação identitária e a representação frequentemente paródica latino-americana na busca pelo primeiro mundo.

Em ambas as situações a busca por autonomia se mostra como o principal problema. Nesse sentido, Ramos (2008), aponta a importância e a necessidade do jornalismo e da literatura para as jovens nações. Era preciso discutir o espaço do sujeito literário no imaginário da sociedade; para tanto, alguns pontos deveriam ser equacionados, dentre os quais o problema do público letrado, a relação entre mercado editorial e a profissionalização, a legitimidade da fala do intelectual e o desenvolvimento do gosto pelas letras. Nesse passo, as dificuldades de sustentação de produções jornalísticas, históricas e literárias foram minimizadas, pois encontrou nos líderes políticos seus principais financiadores, uma vez que o principal meio de divulgação dos ideais após a consolidação dos Estados nacionais foram os periódicos. O

¹⁹ *Justo Sierra* defendia o método científico de sociedade, via do qual ela era entendida como um organismo em desenvolvimento. Baseava-se na concepção de Auguste Comte dos três estágios: teológico, metafísico e científico.

jornalismo, de acordo com Ramos, foi o principal meio pedagógico para a formação de um modelo inicial de cidadania.

Ao postular as relações entre jornalismo e nacionalidade, Ramos aponta que “o jornal foi uma matriz dos novos sujeitos nacionais. O jornal não apenas cristalizava a “racionalidade”, a ordem que se identificava com a estabilidade e a delimitação nacional”. Enquanto para a literatura cabia o papel de converter em leitor aquele indivíduo agora livre do jugo colonial. De acordo com Ramos:

O jornalismo produz um público no qual se baseiam, inicialmente, as imagens da nação emergente. O jornalismo não é apenas um agente de consolidação do mercado-fundamental para o conceito moderno de nação-, mas também contribui para produzir um campo de identidade, um sujeito nacional, inicialmente inseparável do público leitor do jornal. (RAMOS: p.108, 2008)

Podemos interpretar o excerto acima em diálogo com a linha editorial do periódico *La Libertad* como esboço da futura constituição dos chamados científicos, durante o porfiriato, uma vez que o imaginário cultural do México até então cristalizava a retórica da crise, do caos social e da rebeldia. Aqui é preciso reiterar que a vida política mexicana era controlada desde a Independência pelos militares. Nesse passo, os editores do periódico, mesmo defendendo um Estado forte, eram contrários a governos militares. O programa do *La Libertad* pautava o diálogo político entre liberais e conservadores, entre civis, com o propósito de libertar o México das instabilidades políticas já crônicas. Mesmo na defesa do governo de Díaz, a busca por liberdade política foi sempre discutida. Na edição do periódico de 13 de novembro de 1879 se evidencia tal preocupação:

Para combatir esa influencia funesta, [...] urge agrupar en torno de principios indiscutibles, los elementos que son en México enemigos natos del militarismo. Varias veces hemos reflexionado en la futilidad del tema de que el país está cansando de revoluciones, si solo sirve para disculparla inercia;

y convencidos de que el remedio al mal está precisamente en la actividad, no dejaremos de excitar a los propietarios, a los rentistas, a los agricultores, a los industriales, a cuantos en México puedan vivir de un trabajo honesto y lucrativo a formar un partido conservador, exclusivamente civil, opuesto a todo nuevo trastorno y decidido a prestar al gobierno constituido el apoyo de sus fuerzas que son las únicas viables y sanas del país.(In. SAEZ, 1986, p.235).

A autora enfatiza que, com maior destaque nas páginas do jornal, Justo Sierra atacou o pensamento tradicional disseminado por seus pares liberais, ao defender publicamente a fusão política com o Partido Conservador, além de propor o periódico como impulsionador de um novo grupamento político no México: “desde un principio La Libertad declaró que su programa sentaría las bases la formación de un nuevo Partido político en México, llamado indistintamente “gubernamental” o “liberal-conservador”. (SAEZ: 1986, p.232)

A ênfase no periódico La Libertad é fundamental para entender os rumos sociais e políticos pelos quais o México iria passar após o segundo mandato presidencial de Porfirio Díaz, pois, afirmando serem guiados pela ciência, os mentores do periódico lutavam contra a anarquia, em nome do estabelecimento da era industrial. Ademais, foi o instante em que o intelectual Justo Sierra passou a ter expressiva projeção na sua atividade política, baseando-se na ideia de fusão entre a liberdade e a ordem para o avanço do México rumo ao progresso. Nesse propósito, a busca por um modelo administrativo científico foi pautado por esse grupo de jovens intelectuais, que receberam a denominação de “científicos”, daí a profunda preocupação, inclusive com instituições de ensino. Bittencourt (2016) destaca:

A marca dos científicos foi à construção e a modernização institucionais e, nesse processo, após Justo Sierra ter sido diretor da Escola Nacional Preparatória e Ministro de Educação de Porfirio Díaz, ele reestruturou a Universidade do México, com o nome de Universidade Nacional do México, atual UNAM,

sob marcos seculares e liberais. (BITTENCOURT, 2016, p.142).

Esta proposta assinala a relevância social que a tradição e a alfabetização haviam adquirido como ferramentas capazes de elevar o povo mexicano ao patamar das grandes nações. Sierra, na posição de intelectual, defendia a criação de uma universidade renovada, baseado na crítica ao modelo então vigente de educação. Isto é, a forma como interpretava o aspecto interno e externo da historiografia mexicana, permitiu que ele discutisse a própria noção de intelectualidade mexicana prevalente à época. Esta interpretação objetivava desnudar os erros estruturais cometidos pelos sucessivos governos desde a independência. Munido desta concepção e confiante de que a educação promoveria mudanças profundas e necessárias para a maturação da sociedade mexicana, *Sierra* defendeu a criação de uma instituição de ensino superior como um projeto maior, de responsabilidade governamental em seu discurso no instante inicial da UNAM em 1910:

Empezaré por confesar, señores diputados, que el proyecto de creación de la Universidad no viene precedido por una exigencia clara y terminante de la opinión pública. Este proyecto no es popular, en el vigor de acepción de esta palabra; es gubernamental. No podía ser de otro modo, pues se trata de un acto por el cual el gobierno se desprende, en una porción considerable, de facultades que hasta ahora había ejercido legalmente, y deposita en un cuerpo que se llamará Universidad Nacional. (SIERRA, 1910, p.1).

Em seus artigos, defendeu o regime de *Díaz*, numa perspectiva pautada na ordem política e em uma concepção mais inclusiva e valorativa da mestiçagem. Essa última, com maior destaque na obra *México social y Político*, publicada em 1889, na qual Justo Sierra retomou grande parte dessas discussões, defendendo alternativas para a “incorporação” do indígena ao mercado capitalista e à sociedade modernizada. Entretanto, considerava que esses grupos demonstravam desinteresse e, muitas vezes, incompatibilidade

em relação a esse projeto de nação. Como destacado, ao longo do tempo, *Sierra* foi forjando uma reflexão sobre a nação mexicana, observando e identificando na inexorável fusão de raças algo eivado de positividade, sendo o mestiço, para o bem e para o mal, a figura central da expressão nacional.

1.2- Independência, Restauração da República e a Reforma.

No México pré-colonial houve não uma, mas muitas civilizações indígenas, entre as quais as mais importantes foram a maia, no Yucatán, a tarasca no Michoacán, a mixteco-sapoteca em Oxaca Vera Cruz, a asteca na cidade do México e arredores, e a tolteca, anterior à asteca, que deixou impressionantes vestígios em Teotihuacán.

(VERÍSSIMO, 1996, p. 79)

O processo de independência mexicana em 1821 foi fruto de descontentamentos econômicos, políticos e sociais, capitalizados por um fator externo. A mudança de paradigma ideológico na política espanhola se deve em grande medida à Revolução Francesa de 1789. Sob a égide de Napoleão Bonaparte, a França travou guerras em vários pontos do mundo e também no continente europeu, com destaque para a Península Ibérica. Na Espanha, as disputas entre Carlos IV e seu filho Fernando VII acabaram por minar o frágil quadro político da coroa, agravado, no ano de 1808, com a invasão francesa e a imposição de José Bonaparte no trono espanhol. Tal situação influiu os criollos²⁰, levando-os, por fim, a questionar a legitimidade do novo monarca, bem como a reforçar a reivindicação por liberdade, sobretudo no campo comercial, desdobrando-se para a ideia de ruptura completa com a Espanha.

²⁰ El término criollo era usado originalmente para designar a los descendientes europeos o africanos nacidos y naturalizados en el continente americano o también llamada erróneamente Indias Occidentales. Definição básica disponível em: <https://www.significados.com/criollo/>

Em obra de recente publicação “A história da América Latina”, Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino, apontam o século XVIII como fundamental para o entendimento das mudanças de pensamento ocorridas nas cortes espanholas:

Se faz necessário visitar o século XVIII e conhecer as reformas propostas pelos reis da dinastia dos Bourbon, especialmente por Carlos III, que governou de 1759 a 1788. As reformas visavam a modernização da Espanha e de suas relações com as colônias. (PRADO, PELLEGRINO: 2014, p.27).

O sentimento pelo novo, moderno e dinâmico se fazia presente; a ruptura com o antigo era necessária. Mas todo esse processo teve desdobramentos marcantes para as parcelas menos abastadas da sociedade mexicana, que era predominantemente composta por indígenas e mestiços. A historiografia, desde o século XIX, busca entender os fatores que deflagraram os movimentos pró-independência no México e demais países da América Ibérica. De modo geral, existe consenso sobre o instante em que essa ideia lentamente se instaura, com a invasão francesa e o vazio de poder que se produziu na ausência do rei, único garantidor da unidade entre a Espanha e suas colônias e as bandeiras de luta dos revolucionários; “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” - as mesmas bandeiras da Revolução Francesa. A pesquisadora e historiadora mexicana Josefina Zoraida Vázquez, na obra *Nueva Historia Mínima de Mexico*, aponta que as lutas pela independência significaram, em grande medida, algo singular das nações ibero-americanas:

Se trata de un período de transición en el que el liberalismo y el nacionalismo empiezan a imponerse en el escenario internacional y se forjan los nuevos estados-nación, fenómeno en el cual las naciones ibero-americanas fueron pioneras. Las revoluciones norteamericana y francesa, después extendidas a las colonias ibero-americanas, introdujeron nuevos principios en la vida política y en las relaciones entre los estados. Estos nuevos principios, calificados en 1812 de liberales, rechazaban las monarquías absolutas, estableciendo que la soberanía

residía en el pueblo, por lo que sus representantes debían elegir el gobierno, ejercido por tres poderes distintos: legislativo, ejecutivo y judicial, como medio para garantizar los derechos y las libertades de los individuos. (VÁZQUEZ, 2009, p.137)

Todavia, a liberdade almejada pela população da Nova Espanha²¹ apontava as contradições presentes desde o início da colonização espanhola, isto é, a disputa por privilégios e efetiva mobilidade social. O vice-reino da Nova Espanha era um território de suma importância para a coroa espanhola; portanto um ambiente de perturbações sociais latentes e a estrutura burocrático-administrativa²² espanhola conduzia a então colônia “a ferro e fogo”, restringindo a autonomia e investimentos na economia local. Ao fim do século XVIII, instante das reformas carlistas, mais conhecidas como borbônicas, a América hispânica produzia o mesmo que a metrópole; o ponto de divergência entre as duas regiões estava no volume de produção de metais preciosos das colônias. O historiador John Lynch (2001), aponta a situação mexicana como complexa, pois existia “uma economia colonial dependente de uma metrópole subdesenvolvida”. O autor problematiza as tentativas de modernização propostas por Carlos III:

É verdade que na segunda metade do século XVIII houve uma modesta recuperação econômica, na qual a indústria e o comércio colonial catalãs tiveram alguma importância. Mas a Espanha continuou sendo, em sua essência, uma economia agrária e o comércio marítimo era visto, sobretudo como um escoadouro para a produção agrícola. Na análise final, as medidas modernizadoras de Carlos III (1759-1788) tiveram o objetivo de revitalizar um setor tradicional da economia, e

²¹ Vázquez (2009) aponta a sociedade mexicana durante a luta por independência, como um mosaico humano. Formada por 17,5% de peninsulares e crioulos, 60% de população indígena e 22% da população composta por mestiços, negros e espanhóis mestiços.

²² É importante destacar as tentativas de modernização propostas para a América Espanhola, ainda no século XVIII, pelos reis da dinastia dos Bourbon, sob o comando de Carlos III, como reformas voltadas para a área da economia: controle fiscal e alfandegário; buscava-se reafirmar o controle da coroa espanhola perante as colônias.

tornou-se mais evidente do que nunca que o mundo hispânico estava erigido, não sobre uma divisão do trabalho entre a metrópole e as colônias, mas sobre nefastas semelhanças. (LYNCH, 2001, p. 21)

Nesse sentido, a metrópole não tinha interesse em fomentar os meios de produção necessários para o efetivo desenvolvimento das colônias, sendo sustentada por uma estrutura de poder formada pela Igreja e pela elite local. Os três principais grupos étnicos da Nova Espanha: brancos, *mestiços* e índios tinham condições sociais e jurídicas distintas; os *criollos*, em grande parte detentores de minas, terras ou pequenos comércios, formavam o que se configurava como uma elite social e, por viverem as perturbações econômicas e sociais da colônia, lutavam em prol do avanço econômico, bem como da busca por status social superior. Todavia, o sentimento pela independência não era consenso entre a elite local e a classe intermediária *criolla*, pois existia o temor em relação às massas e dependiam das tradições e práticas da Igreja católica para a mínima manutenção da ordem social. O ponto nevrálgico da questão era a disputa entre a elite europeia local, que controlava o governo, a Igreja e grande parte da burguesia *criolla* pelo controle das relações políticas, prestígio social e a grande massa populacional de índios e *mestiços* totalmente marginalizados:

Sob a superfície, as revoltas revelaram tensões, conflitos e instabilidades, raciais e sociais, profundamente enraizados, que haviam ficado abafados durante todo século XVIII e de repente explodiram quando a pressão dos impostos e outras insatisfações arregimentaram alguns grupos sociais numa aliança contra a administração e deram aos setores inferiores à oportunidade de erguer-se em protesto. (LYNCH, 2001, p.53).

As rebeliões se iniciaram em 1810, sob o comando inicial de Miguel Hidalgo y Costilla (1753-1811), padre mexicano também conhecido como “El cura Hidalgo” e posteriormente com José María Morelos y Pavón (1765-1815), político, religioso e militar mexicano, que assume a dianteira do movimento

independentista após a morte de *Hidalgo*, em 1811²³. Considerada uma reação dos índios e das *castas*²⁴ à opressão e exploração a que eram submetidos, uma vez que ambos os grupos constituíam 82% da população, sendo segregados e proibidos de ocupar cargos públicos e eclesiásticos, marcados por não terem mobilidade social.

Neste passo, na manhã de 16 de setembro daquele mesmo ano, “*El cura Hidalgo*” proferiu o Grito de Dolores em nome de Fernando VII e da Virgem de Guadalupe, esta o principal símbolo da fé mexicana até os dias atuais. O Grito de Dolores trazia em seu bojo a defesa da fé católica, o fim do domínio espanhol e a eliminação da subserviência que reinava no México; só anos mais tarde foram anexados outros elementos, como a devolução de terras às comunidades indígenas, a abolição da escravidão e o reconhecimento oficial da independência. Os conspiradores tinham na força quantitativa dos índios sua grande aposta; para eles era o fator que definiria a vitória ou derrota, pois sabiam do latente descontentamento dos índios e mestiços perante sua situação de miséria e discriminação, mas também temiam o caráter rebelde e indisciplinado dos mesmos. Nessa linha de raciocínio, *Justo Sierra* destaca os temores de *Hidalgo* em relação à massa indígena:

Hidalgo se esforzaba en mantener su ascendiente sobre aquellas masas indisciplinables, que como sucede con todas las multitudes humanas comprimidas de generación en generación, se dilataba repentinamente, al cesar la presión, en efervescencias salvajes; la libertad, para aquellos grupos, no era un derecho, era una embriaguez; no era una actitud normal, era un explosión de odio y de alegría; aquélla era indisciplinable, incontenible; tenía el aspecto de una fuerza de la naturaleza en toda su violencia: tromba, huracán, inundación. (SIERRA, 1986, p.105).

²³ Uma característica marcante de *José María Morelos* foi seu engajamento político durante a luta pela independência. Com ideias de justiça e igualdade para todos, formulou a declaração de independência, ampliando a força do poder executivo, afirmando as bases da constituição liberal e democrática aprovada em 1814. (WASSERMAN, 2013, p.29-30)

²⁴ Sistema tradicional, hereditário ou social de estratificação, ao abrigo da lei e com base em classificações como a raça, a cultura, a ocupação profissional e religião.

Essa extensa remissão ao período das independências é importante para reportar a preocupação de *Sierra*, que vê ali o pomo de discórdia que dividiria os mexicanos, quando deveriam se unir. A preocupação de *Hidalgo* era justificada, pois logo nos primeiros combates; além de muitas baixas, a quantidade elevada de desertores foi de extrema importância para colocar fim à ideia de vitória rápida. Em 30 de julho de 1811, *Hidalgo* foi capturado e fuzilado. Entra em cena José María Morelos²⁵, que diferentemente do antigo líder da revolução tinha metas sociais claras, além de melhor preparo e comando junto aos combatentes. A revolta sob Morelos tinha um apoio maior dos *mestiços*, em grande parte por ter um projeto político delimitado, o que não resolvia todas as contradições sociais mexicanas. Com a morte de Morelos, os insurgentes passaram a lutar em pequenos grupos de maneira isolada, o que fragmentou a já frágil estrutura militar mexicana. Nesse passo, Lynch (2001, p.92) aponta: o que de fato ocorreu não foi uma luta unificada em prol da nação mexicana que se forjava e sim uma luta de mexicanos contra mexicanos; “a guerra de independência não foi um conflito desequilibrado com um desfecho pré-determinado; foi mais uma luta na qual a nação se viu dividida em suas lealdades”.

As forças rebeldes eram compostas principalmente por índios *labriegos*²⁶ e não teve o objetivo inteiramente alcançado, pois carecia ainda de um programa planejado, que legitimasse a independência e sanasse as inquietações sociais vividas no México. Nessa perspectiva, *Sierra*, em um viés fatalista, aponta uma questão para o México durante e após a independência. De acordo com o autor, a ideia de liberdade e emancipação encontravam barreiras culturais ancoradas na tradição absolutista, isto é, o desejo de ser governo das novas lideranças esbarrava na falta de experiência para tal:

²⁵ De acordo com Wasserman, o movimento de independência iniciado por *Morelos*, tinha tons mais radicais, pois destacava a mudança nas propriedades de terras para lideranças locais e indígenas, o que teria efeito prático no tocante de identificação coletiva americana perante o dominador europeu.

²⁶ Termo que descreve a condição de índios sem terra.

Las personalidades nuevas, que mostraban su deseo de emanciparse y su fuerza para lograrlo, no estaban educadas para gobernarse a sí mismas; no las podía educar para ello la nación en que el absolutismo de los Austrias y despotismo administrativo de los Borbones habían ahogado todo germen político; y se encontraron con las mismas deficiencias de España cuando quisieron ensayar las instituciones libres, y México perdió su tempo y su sangre, y estuvo la pique de perder su autonomía en el cenagal interminable de las luchas civiles, que no fueron más que la forma nueva del espíritu de aventura, propio de la raza de que provenía, y cuya explicación psicológica consiste en la creencia de que toda dificultad individual y social se resuelve por la intervención directa del cielo en forma de milagro. (SIERRA, 1986, p.117).

O milagre apontado por *Sierra* se define como um desejo de estabelecer um modelo político distinto do que era praticado pela coroa espanhola ao longo de três séculos. Era preciso unificar a jovem nação e assim propor os caminhos para o progresso. Tal condição só viria a ser viável a partir do projeto político proposto por Agustín de Itúrbide (1783-1824), militar e político que, inicialmente, lutou com o exército realista contra a insurreição do cura Hidalgo, defendendo a cidade de Valladolid, fato que o credenciou ao posto de capitão do exército. Nas palavras de Sierra (1986, p.115), Itúrbide era “dotado de admirable valor, de ese atractivo indefinible que magnetiza a los soldados y a las multitudes, y una vaga pero extraordinaria ambición”.

Em 24 de fevereiro de 1821, foi publicado por Itúrbide o Plano de *Iguala*, que vinha a lume perpassado pelas contradições já comuns à jovem nação, de modo que, ao final de todo o processo de independência, o saldo seria adverso ao México, visto que a economia continuou fraca, a população havia sofrido forte diminuição e a agricultura e a mineração, outrora principal fonte de divisas para o Estado, passavam por extrema dificuldade:

No Plano de *Iguala*, Itúrbide propôs um acordo político que tornava possível a independência. Num único golpe, ao garantir estabilidade econômica, uma monarquia constitucional e a

preservação de privilégios da elite, ao mesmo tempo em que prometia independência e igualdade, eliminava as objeções de antigos rebeldes e de membros da elite que apoiavam o regime real. (ANNA, 2001, p.111).

O manifesto de independência proclamado por *Itúrbide*, em 1821, tinha como meta central organizar as três forças sociais e políticas do México pré-independente, isto é; o clero, o exército e os espanhóis que viviam no México. *Itúrbide* sabia da necessidade dessa sistematização e deu aos referidos grupos “garantias”, uma espécie de proposta de “boa vizinhança” entre tais forças; em suma, as chamadas “garantias” se fundamentavam em dar segurança aos grupos de espanhóis residentes no México de preservar os privilégios eclesiásticos e, por fim, possibilitar ao exército poder suficiente para a manutenção de todo o processo sob o poder das armas.

Em 25 de fevereiro de 1822 foi realizado um Congresso Constituinte, que deu poder a *Itúrbide*, que se proclamou imperador, sob a denominação de Agustín I. O congresso aprovou a proclamação em 21 de julho de 1822, data na qual o então imperador e sua esposa foram coroados. No entanto, após a independência, em 1821, a economia geral se encontrava em franco declínio, fato que legitimou as duras críticas dos republicanos e liberais mexicanos. De fato, ao lançar os olhos sobre o embate revolucionário, percebe-se uma mudança muito tímida nas estruturas sociais e econômicas²⁷ do país. Tais contradições²⁸ políticas acabaram por minar o frágil governo de *Itúrbide*, que viu ampliar forte rejeição ao seu governo imperial.

Segundo Jan Bazant (2001, p.417): “os próprios atos arbitrários de *Itúrbide* estimularam a difusão das ideias republicanas, as quais até então estavam totalmente restritas aos intelectuais”. Todavia, essa difusão de ideias republicanas não significou um novo paradigma na vida social e política

²⁷ De acordo com Sierra (1986, p.132), a situação econômica do México em 1824 estava estagnada; o autor aponta que “el ejército y los empleados estaban pagados, el país yacía tranquilo, y desde entonces fue proverbial esta máxima de política práctica: cuando los sueldos se pagan las revoluciones se apagan”.

²⁸ O historiador Américo Nunes, em sua obra: *As Revoluções do México* problematiza o caso mexicano em três fases: Independência, Reforma e Revolução.

mexicana, visto que o jovem militar Antonio López de Santa Anna, ao derrubar o governo de Itúrbide, instaurou a tão sonhada república, que por ironia tinha nascido como ideia no meio intelectual, mas que viu o exército transformá-la em realidade. A ditadura imposta por Santa Anna *agudizou* ainda mais as tensões políticas no México. De acordo com Josefina Zoaida Vázquez, a disputa entre liberais e conservadores se tornaram mais radicais, colocando uma vez mais a soberania nacional em risco:

Aunque los dos partidos compartían la aspiración de progreso, su idea de cómo alcanzarlo era diferente. Los conservadores consideraban que sólo podría lograrse mediante un sistema monárquico y una sociedad corporativa, apuntalados por una iglesia y un ejército fuertes. Los liberales, por su parte, pensaban que sólo una república representativa, federal y popular similar al modelo norteamericano podía garantizarla, por lo que consideraban urgente borrar toda herencia colonial, eliminar corporaciones y fueros, y desamortizar los bienes del clero y las propiedades comunales para convertir a México en un país de pequeños propietarios.(VÁZQUEZ, 2009, p.170)

O primeiro passo após a instauração da república, em 1824, foi o ato do Congresso Mexicano de promulgar a Constituição, com teor federalista. De acordo com Bazant (2001 p.421), a constituição era similar à dos Estados Unidos: “a constituição mexicana de 1824 dividiu o país em dezenove estados, que deveriam eleger seus próprios governadores e legislativos e quatro territórios que ficavam sob a jurisdição do congresso nacional”.

Conforme aponta Bazant (2001), a constituição mexicana manteve a separação dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, porém um ponto foi significativo, a oficialização da religião que seria restritamente a Católica Apostólica Romana. Nesse período, o México passou a se espelhar predominantemente na política norte-americana, com moldes de presidente e de vice-presidente, além da própria Constituição. Portanto, é um México independente, mas sem uma cultura política sólida e estabelecida nos debates de melhoria efetiva para o povo, situação que ajuda a entender como se tornou

complexa a governabilidade do Estado mexicano. Até então não existiam partidos políticos, mas ambos os grupos usavam o movimento maçônico como um ponto de convergência para suas atividades e propaganda. Os centralistas tendiam a serem maçons do Rito Escocês, enquanto os federalistas, com a ajuda de um embaixador dos Estados Unidos na nova república, Joel R. Poinsett, tornaram-se membros do Rito de York. As lojas maçônicas forneciam a base sobre a qual viriam a surgir, cerca de um século mais tarde, o Partido Conservador e o Partido Liberal. Recorro às ponderações de Vázquez, acerca da disputa política entre lojas maçônicas em solo mexicano, no período em foco:

La vida política tampoco conquistó la estabilidad y la plaga del faccionalismo producida por las logias masónicas y los pronunciamientos militares harían que pronto se esfumara la paz, aunque hay que advertir que, con excepción de las de 1832 y 1854, las revoluciones siempre afectaron áreas limitadas. La logia escocesa, introducida por el ejército español, se había difundido entre las clases altas, por lo que los radicales decidieron fundar otra más popular. El presidente Victoria la favoreció en busca de “equilibrio” y el ministro norteamericano Joel R. Poinsett la registro en Estados Unidos. Esta logia, conocida como yorquina, adoptó la retórica antiespañola. (VÁZQUEZ, 2009, p.155).

Segundo a autora, a incisiva questão política do México, entre os anos de 1825 a 1827, era a conquista da unidade governamental. Em certa medida, essa unidade se daria mediante um profícuo e generalizante diálogo em prol do México, por parte dos centralistas e federalistas. É justamente nesse quadro social e político que um certo sentimento de pertencimento nacional se tornou latente, pois passou a ser usado pelos federalistas contra os centralistas, que eram favoráveis à Espanha. Contudo, nem todas as províncias apoiaram essa nova disputa entre as forças políticas; dessa forma a província do Texas inicia

a revolta que mudaria os rumos da nação²⁹. Ao pegar em armas contra o governo centralista de Santa Anna, o Texas colocava em jogo não só seu repúdio às medidas tomadas pelo executivo federal, mas, acima de tudo, sobre o avanço do pensamento liberal. Nesse período, o México caminhava para a institucionalização da revolução³⁰. A situação se agravou ainda mais com o ato de anexação do território do Texas pelos Estados Unidos, “aprovada por muitos americanos, equivaleria a uma declaração de guerra”. (BAZANT, 2001, p.431).

De acordo com *Sierra* (1986, p.148-149), entre os anos de 1835 e 1848, o México viveu sob o temor de um conflito com os Estados Unidos. Esse temor era exemplificado pela disputa do Texas, faixa territorial localizada na região norte do país, que já no início do século contava com pequenas e prosperas comunidades de colonos, que buscavam novas oportunidades no oeste. Para *Sierra* (1986, p.148), o medo em relação aos Estados Unidos era justo uma vez que “los Estados Unidos podían cortar rápidamente nuestras comunicaciones con el mundo apoderándose de nuestros puertos indefensos”. A ideia de conexão com o mundo defendida por *Sierra* é constante em toda sua obra; para o autor, o México deveria focar suas forças na política externa, permitindo assim novos e diversificados investidores para o país. A leitura de *Sierra* para este instante do México foi pragmática, reiterando que seria melhor para a nação uma saída pacífica na disputa entre os dois países, uma vez que o México não poderia vencer os Estados Unidos no campo militar. Nesse passo, o autor faz uma reflexão sobre a situação do México em relação ao Texas:

La codicia de los Estados Unidos se manifestó con mil pequeñas tentativas de ensanche de límites desde que su movimiento expansivo los constituyó en vecinos de la comarca texana, fértil, bien regada y abundantísima en ganados. El

²⁹ A guerra entre o México e os Estados Unidos ocorreu como desdobramento das disputas em relação ao Texas. Em 1846, o aumento das tensões entre os dois países fez com que os Estados Unidos enviassem declaração de guerra ao Congresso mexicano; este, ao receber a notícia, se organiza sob o comando do general Santa Anna, para a possível batalha. Ao final da guerra, em 1848, um acordo de paz, pelo qual o México viu metade de seu território passar para o controle estadunidenses significou um trauma nacional. Em síntese, um final extremamente desastroso para o México, que buscava a organização interna.

³⁰ Aqui problematizando a ambiência de descontentamento da população mexicana perante o aumento de impostos, tarifas e preços.

gobierno español procuró ser muy firme en cuanto a sus derechos y muy parco y cauteloso en sus concesiones: la que dio origen a la colonización americana en Texas, fue la hecha a Austin, el padre para establecer trescientas familias católicas en las provincias. La necesidad de contar con la simpatía de los Estados Unidos y nuestra casi impotencia para hacer valer nuestros derechos, nos obligaron a descuidar las restricciones y a consentir en el hecho fundamental; pronto Texas fue un grupo de pequeñas, pero activas colonias americanas; los terrenos cedidos allí a ciudadanos mexicanos como Mejía, Zavala y otros, eran vendidos a norteamericanos, que corrían a establecerse en el rico Estado. (SIERRA, 1986, p.149).

As negociações de paz entre Estados Unidos e México gravitaram em torno da outorga por parte do México dos territórios do Novo México e a Alta Califórnia. As reflexões de *Sierra* sobre a situação vivida pelo México após o fim do conflito militar com os Estados Unidos apresentam questões singulares para o fracasso de Santa Anna ante o exército daquele país. De acordo com *Sierra* (1986, p.162) "Los Estados Unidos habían intentado, desde los primeros días de la República, adquirir la zona comprendida entre la Lusiana y todo el curso del Bravo". O temor de *Sierra*, baseava-se no padrão democrático americano, com respeito a leis e visão para o progresso. No que reporta à capacidade militar mexicana, *Sierra* é objetivo ao afirmar que o soldado mexicano frequentemente lutava sem ter o que comer, sem bons armamentos e com a autoestima baixa. Situações que para o autor foram fundamentais para a derrota do exército comandado por Santa Anna:

Santa Anna era como él: Santa Anna personificaba todos los defectos mexicanos y alguna de las cualidades: el desprecio personal a la muerte. Deprimido por la lucha, la abandonó antes del momento supremo y retrocedió al desierto, en donde la enfermedad, la desnudez, el hambre y la deserción libraron el postrer combate con aquella columna ensangrentada y famélica que desfilaba bajo un cielo implacable, entre una perpetua tromba de polvo que la quemaba y que la devoró casi.

Santa Anna huía de la victoria probable con rumbo a la derrota cierta. (SIERRA, 1986, p.171).

Já independente, o México ainda não tinha sofrido uma mudança substancial em sua organização social. Exceto para o indígena, que, ao ser transformado em cidadão, com o mesmo respaldo jurídico dos *criollos*, perde privilégios outorgados pela Coroa Espanhola durante o período colonial. Não existia uma efetiva política nacional capaz de resolver as questões sobre a combalida economia, a má distribuição de terras e a consolidação de uma burguesia realmente preocupada com a conjuntura mexicana. O que se efetivou foi uma série de enfrentamentos entre liberais e conservadores, que acabaram por minar a economia e acentuar os problemas sociais; entretanto, é no embate entre conservadores e liberais que se começa a formar uma classe intermediária, comprometida com a renovação da vida política.

A disputa entre os dois grupos duraria mais de 50 anos após a independência; os conservadores eram representados por grupos ligados à Igreja, ao exército e à oligarquia proprietária de terras. Já os liberais eram compostos, sobretudo, por intelectuais ligados à burguesia comercial, que se forjava na jovem nação. De maneira geral, nessa disputa parte expressiva da população era usada como massa de manobra conforme o desejo de cada grupo. Havia, porém, alguns pontos de convergência entre liberais e conservadores e tais pontos confluíam para a preocupação em relação à ordem social e à manutenção das camadas populares distantes das decisões tomadas para a nação. A questão da igreja entre conservadores e liberais³¹ deixou marcas profundas na sociedade mexicana; a Igreja, enquanto instituição basilar, já vivia à sombra do poder e conservou essa posição privilegiada até

³¹ Segundo a pesquisadora Anna, a busca por aumento de receita econômica e normalização dos impostos, o projeto liberal para o México defendia a República e a separação entre Igreja e Estado. Influenciados por ideias iluministas, pregavam que o poder laico seria a melhor forma de conduzir a nação mexicana, além da nacionalização dos bens da Igreja. Em contrapartida, os conservadores lutavam pela manutenção das terras eclesiásticas, bem como dos foros privilegiados. Com a revolução de *Ayutla*, contra o ditador Santa Anna (1854-1855), os liberais conquistam a vitória política, dando início ao período chamado de Reforma, sob o comando de *Ignacio Comonfort*. (ANNA, 2001)

meados do século XIX, que perdeu com a Reforma, principalmente devido à nacionalização de seus bens:

É difícil imaginar em outro país da América Latina que não o México o espetáculo proporcionado por freiras cruzando a cidade do México pela manhãzinha, em busca de nova morada, depois de deixarem à força seu convento, nacionalizado pelo Estado, esgotado o prazo final oficial de 48 horas para desocupá-lo. Era a expressão do embate entre liberais e conservadores. (PRADO, 1994, p.28).

No quadro aqui apresentado, observa-se um México que, mal saído de sua fase colonial, já se encontrava imerso em controvérsias entre dois grupos que mantinham o controle político, afastados das grandes massas rurais e urbanas. Os liberais chegaram ao poder em 1855 e apresentavam como plataforma política proporcionar ao México a mesma capacidade produtiva e estabilidade social que os Estados Unidos. Para isso, definiram como principal meta a modernização da nação, rompendo com os pilares da “antiga ordem social”, isto é Igreja, exército e os mandatários regionais. O primeiro passo foi retirar do catolicismo o status de religião oficial do Estado. Posteriormente, foi a vez do exército, que teve grande parte de suas forças reduzidas e seus principais comandos dissolvidos ou transferidos para regiões distantes.

Para Sierra, o contexto da chamada Reforma é parte de um processo revolucionário iniciado ao longo dos combates pela independência. Dessa forma, o processo de legitimação da soberania nacional significou a emancipação do México em relação à Coroa Espanhola, sendo a Reforma a responsável por eliminar os últimos resquícios do antigo regime em solo mexicano. Segundo Sierra (1986, p.177), no decorrer da Reforma as modificações do *status quo* foram latentes, pois ocorreram mudanças nas classes até então privilegiadas³², no que se refere ao mercado de trabalho e à capacidade de produção e distribuição de riquezas produzidas no país. Em

³² As principais classes eram a Igreja católica e a aristocracia fundiária.

suma, coube à Reforma estabelecer um novo conjunto de ideias para a política mexicana, dentre as quais a liberdade e a democracia deveriam ser basilares.

Sendo a liberdade a base para a evolução social, *Sierra* aponta que os elementos necessários para o estabelecimento e expansão da mesma eram confusos. Ao evocar Jean-Jacques Rousseau, que afirmava ser o homem em seu estado natural bom e livre por natureza, *Sierra* enfatizava que o homem só se tornava livre ao cumprir um vasto conjunto de leis sociais:

No eran ciertos: el hombre no es libre en la naturaleza, sino sometido a la infinita complicación de leyes fatales; la naturaleza no conoce la igualdad: la desigualdad es su manifestación perenne, la diversidad es su norma, la fuerza suprema que la resume y unifica existe, pero en lo incognoscible; con el nombre de Dios la invocaban los constituyentes al comenzar su obra. La libertad, la supresión de los grupos privilegiados y la equiparidad de derechos ante las urnas electorales, que es la democracia, que es la igualdad, no son obra de la naturaleza, son conquistas del hombre, son la civilización humana; provienen de nuestra facultad de intervenir por medio de la voluntad en la evolución de los fenómenos sociales como elemento componente de ellos; no son dogmas, no son principios, no son derechos naturales, son fines, son ideales que la parte selecta de la humanidad va realizando a medida que modifica el estado social, que es obra de la naturaleza y de la historia. (SIERRA, 1986, p.198-199).

Nessa ambiência, as práticas reformistas foram recebidas com desconfiança, uma vez que desde a independência a organização política e social era estruturada pela chamada ordem antiga de poder³³. A construção de um Estado moderno no México foi certamente a principal meta dos liberais, então no controle no país e, para tal, atacar e retirar o poder da Igreja era

³³ A experiência distintiva do liberalismo na América Latina derivou do fato de terem as ideias liberais sido aplicadas em países extremamente estratificados social e radicalmente subdesenvolvidos economicamente, nos quais a tradição da autoridade estatal centralizada estava arraigada profundamente (HALE, 2002 p.332).

fundamental. Ao retirar o papel da Igreja como religião oficial do Estado, os liberais atacavam, em duas frentes, a redução da força política e destruição da base econômica baseada na enorme concentração de terra. A modernização foi à tônica no processo de formação dos Estados nacionais na América Latina e as historiadoras Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino assinalam:

Modernidade e modernização são dois conceitos que caminham de mãos dadas na História, mas que se referem a processos específicos. A modernidade diz respeito a um ambiente político e cultural associado, entre muitos fatores, à urbanização, ao crescimento das camadas médias e assalariadas, à democratização das relações políticas, à expansão da escolaridade, ao surgimento de espaços de sociabilidade que reorientam a produção cultural (engendrando, em certos contextos, os chamados *modernismos*). Já a modernização compreende, fundamentalmente, as transformações econômicas fomentadas pelo desenvolvimento do capitalismo e de uma economia de mercado. (PRADO, PELLEGRINO, 2014, p.72).

O objetivo das medidas liberais era atrair também os imigrantes europeus de todas as regiões e religiões³⁴, para edificar uma classe agrária nos padrões norte-americanos de moderna produção e de fortes instituições democráticas, criando assim a estrutura para o progresso e a consolidação da democracia. Em 1867, sob o comando do deposto presidente de origem indígena Benito Juárez, os liberais retomam o governo e a Cidade do México após vitórias sobre franceses e conservadores³⁵. Sempre visto até pelos seus

³⁴ O tema imigração foi à tônica, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, na América Latina. A ideia era alavancar o progresso e fazer um “branqueamento racial”.

³⁵ Após a Lei Juárez, que cancelou o foro jurídico privilegiado da Igreja e a Lei Lerdo, criada por *Miguel Lerdo de Tejada*, que determinava a desamortização dos bens da Igreja, desencadeou-se uma guerra civil extremamente violenta entre liberais e conservadores. Segundo Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino: “A guerra civil obrigou *Juárez*, alçado à presidência da República em 1858, a abandonar a Cidade do México e a organizar um governo itinerante de resistência, que vagou de *Veracruz* a outros pontos do norte do país. A luta recrudescceu com a chegada, em 1864, de Maximiliano de Habsburgo, enviado ao país, sob a proteção de Napoleão III, como imperador do México. Um ano antes, Napoleão III ordenara a invasão do México pela

opositores como um homem “de ação e pensamento”, Juárez defendeu a liberdade de imprensa, dos cultos religiosos e do indivíduo como motores para o desenvolvimento da história e do progresso. Republicano, lutou pela implantação da democracia liberal e representativa no México, contra a monarquia e o poder absoluto da Igreja. Combateu a intervenção francesa (1864/1867), que tentou empossar Maximiliano como imperador de um México que Benito Juárez lutava para manter republicano. Um dos seus grandes feitos, que levou a França, com o apoio inicial do Reino Unido e da Espanha, a intervir no México, foi o de suspender os pagamentos dos juros referentes a diversos empréstimos contraídos por governos que o antecederam. A importância e o papel de Juárez para a fundamentação textual de Sierra é singular. O autor o trata como um homem comum sem grandes capacidades intelectuais, mas como ação política prática e paradigmática:

Juárez tenía la gran cualidad de la raza indígena a que pertenecía, sin una gota de mezcla: la perseverancia. Los otros confesores de la Reforma tenían la fe en el triunfo infalible; Juárez creía también en él, pero secundariamente; de lo que tenía plena conciencia era de la necesidad de cumplir con el deber, aun cuando vinieran el desastre y la muerte. Al través de la Constitución y la Reforma veía la redención de la república indígena, ese era su verdadero ideal, a ese fue devoto siempre; emanciparla del clérigo, de la servidumbre rural, de la ignorancia, del retraimiento, del silencio, ese fue su

França, em consórcio com Espanha e Inglaterra, a fim de cobrar dívidas não salgadas pelo governo juarista. Os interesses da França em estender seu movimento de expansão imperial à América Latina articularam-se com a pressão de conservadores mexicanos enfrontados na Corte de Napoleão. O arquiduque Maximiliano de Habsburgo, irmão do imperador austro-húngaro Francisco José I, o primogênito na linhagem dinástica, congratulou-se com a oportunidade de coroação como monarca de outro Império. Mas o imperador importado pelo México frustrou as expectativas dos diplomatas do Partido Conservador. Maximiliano buscou implementar reformas que protegessem os súditos indígenas da ganância dos antigos senhores e escolheu permanecer no México mesmo após a retirada das tropas francesas, que lhe davam suporte. Terminou refém dos liberais, os quais jamais reconheceram a soberania do Império. Foi fuzilado por ordem de *Benito Juárez*, nos arredores da cidade de Santiago de Querétaro, em junho de 1867. A derrota de Maximiliano significou a vitória das forças liberais. Benito Juárez restabeleceu-se na Cidade do México e o país ingressou em uma nova era de reformas modernizadoras” (PRADO, PELLEGRINO, 2014, p.62).

recóndito y religioso anhelo; por eso fue liberal, por eso fue reformista, por eso fue grande, no es cierto que fuese un impasible, sufrió mucho y sintió mucho; no se removía su color, pero sí su corazón; moralmente es una entidad que forma vértice en la pirámide obscura de nuestras luchas civiles. En comparación suya parecen nada los talentos, las palabras, los actos de los próceres reactores: ellos eran lo que pasaba, lo que se iba; él era lo que quedaba, lo perdurable, la conciencia. (SIERRA, 1986, p.205).

A valorização de Juárez nas obras de Sierra não só resignificou o papel e a importância do indígena e do mestiço no imaginário mexicano no início do século XX, como o elevou ao panteão de heróis nacionais mediante as vitórias e a aguerrida resistência mexicana sob seu comando. Esse destaque representou muito para os liberais, pois o sentimento de patriotismo fora revigorado e a unificação nacional parecia próxima. Importante destacar o ponto de vista do historiador Friedrich Katz, que discute essa unidade nacional possibilitada por Juárez e sua busca por um Estado centralizado:

Apesar do novo sentimento de patriotismo que a vitória contra os franceses e o surgimento de um novo líder genuinamente popular como Juárez haviam despertado, o país estava mais distante da integração do que jamais estivera. Durante os anos de guerra, diversas províncias desenvolveram uma existência quase autônoma, com a vida social, econômica e política totalmente isolada do restante do México. (KATZ, 2002, p.25).

Aqui, mais uma vez, ficam evidentes as contradições que estiveram fortemente presentes na formação do México moderno. A estratégia política de Juárez era baseada na prática das concessões, pois mesmo com relativo índice de aceitação, enfrentava forte oposição por parte dos *hacendados* e da classe intermediária. Mais uma vez o México caminhava para o já comum caminho de contradições e enfrentamentos; nas palavras do historiador Américo Nunes (1980, p.28): “o México vai ser a aposta nas contradições intercapitalistas, no caso, determinantes para seu futuro”. Segundo momento

de um processo histórico diacrônico, a Reforma liberal, como a Independência, é um complexo emaranhado de contradições internas.

Conforme aponta BARBOSA, (2010), é nesse quadro que os liberais instalam, com Miguel Lerdo de Tejada, a “lei de expropriação dos bens do clero”, conhecida como “Ley Lerdo”, de 1856. Em seu texto, previa-se a anulação dos tribunais especiais da Igreja e do Exército, a adjudicação aos meeiros de propriedades pertencentes às corporações civis e militares e o encorajamento à denúncia. A propriedade comunal indígena também foi desmantelada, já que sua existência era considerada pelo pensamento liberal como um entrave ao progresso. A restauração da república não favoreceu as comunidades indígenas, pois os liberais acreditavam serem elas “entraves para o progresso, na medida em que impediam a transformação das terras em mercadoria e retinham uma grande quantidade de mão de obra trabalhando no cultivo de suas terras” (BARBOSA, 2010, p. 25). A condição do índio, então transformado em “cidadão”, etapa advinda do processo de Independência, era mais complexo. Agora sua carga tributária estava mais carregada. É possível deduzir que a capacidade de manutenção das suas terras estaria certamente afetada, não sendo improvável que ela se perdesse, assinalando, assim, a decadência da pequena propriedade indígena. O desenvolvimento histórico, político, econômico e social do México, na segunda metade do século XIX, perspectiva o país como um caso de recorrente contradição. Assim como a Independência não concedeu ao mexicano comum a possibilidade de ser um ator político, ou de galgar cargos de prestígio, a Reforma não melhorou a economia no nível esperado e não alavancou o desenvolvimento de uma ainda tímida burguesia nacional.

Em março de 1857, os liberais conseguiram promulgar uma nova constituição na qual o federalismo (sistema de governo baseado na divisão do poder político em vários estados autônomos), o México deixou de ser um estado centralista. Além disso, foi reconhecida a igualdade de todos perante a lei e a liberdade de expressão. Os conservadores insatisfeitos com a nova Constituição se opuseram; em dezembro de 1857, o general Felix Maria

Zuloaga³⁶ se manifestou contra o governo liberal, dando início a novo embate interno. A chamada Guerra da Reforma ocorreu durante três anos e começou em 1858, enquanto Benito Juárez era presidente. Juárez havia aprovado um conjunto de leis, que entraram em vigor em 1856, a mais importante ocorreu entre julho de 1859 e dezembro de 1860, nacionalizando propriedades da igreja; o casamento civil foi instituído, a separação entre os poderes do Estado e da Igreja foi estabelecida e liberdade religiosa foi decretada.

Entretanto, um novo problema avultou para os mexicanos. França, Grã-Bretanha e Espanha decidiram intervir para proteger os seus interesses no México; em 1861, uma expedição militar ocupou o porto de Veracruz. No ano seguinte, apenas as tropas francesas de Napoleão III permaneceram no México. Em junho de 1863, os franceses entraram na cidade do México; Juárez e seu governo abandonaram a capital, onde se instalou um governo conservador, que proclamou o império de México e ofereceu a coroa ao arquiduque da Áustria, Maximiliano I. Em 1871, Juárez foi reeleito presidente. Houve, então, um novo levante conservador, situação extremamente favorável ao então jovem militar Porfírio Díaz, que lutaria pelo controle do poder no México. Díaz obteve sucesso em 1876, ano em que Juárez morreu, derrubando o governo do Presidente liberal Sebastian Lerdo de Tejada. Assim, terminava o período de reformas liberais e começava uma nova etapa na história do México: Os governos do General Porfirio Diaz. (VÁZQUEZ, 2009; KATZ, 2002; PRADO, PELLEGRINO: 2014)

1.3- La era Actual: Uma crítica positiva

Hemos llegado al fin de nuestra larga tarea; temimos, al emprenderla, que fuera superior a nuestras fuerzas, y sólo por esa suerte de fascinación que ejerce sobre los hombres de estudio la magnitud y dificultad casi insuperable de una

³⁶Félix María Zuloaga Trillo (1813 - 1898) Militar e político conservador mexicano, tendo ocupado o cargo de presidente do México nos governos conservadores sediados na capital durante a guerra da Reforma.

empresa intelectual, tuvimos arrestos para acometerla; al terminar, nos confesamos vencidos

(SIERRA, 1986, p.257)

Na terceira parte da obra, Sierra examina os erros e acertos do que chamou de "La era Actual", um momento que ele considerava de transição na sociedade mexicana. Aquele seria o instante de modificações econômicas e sociais propostas pelo então presidente Benito Juárez. De acordo com Sierra, aquele era um momento decisivo também porque foi a partir da segunda metade do século XIX que a produção de livros e documentos oficiais se tornou mais ativa e de melhor acesso nos grupos de intelectuais. Neste sentido, a tese central de Sierra ganhava força, uma vez que o progresso nacional poderia, ainda que de maneira tímida, ser conquistado pelas vias evolutivas, gradativamente. Sobre esse momento Sierra afirma:

Y esto hemos hecho: una labor provisional; con mayor copia de datos más científicamente depurados, otros reharán lo que hemos intentado hacer, y con mejor suceso. Pero nuestro empeño no habrá sido inútil, sin embargo. En primer lugar, si hemos procurado estudiar sin prejuicios las condiciones dinámicas de nuestra sociedad, no la hemos estudiado sin sistema. No nos toca exponerlo aquí en estilo de escuela; pero el título solo de nuestro libro indicaba que, aun cuando pudiéramos disentir en la fórmula de las leyes sociales, y unos, siguiendo la escuela spenceriana, las asimilasen profundamente a las leyes biológicas, y otros las considerasen, de acuerdo con Giddings, esencialmente psicológicas, y la mayor parte acaso fundamentalmente históricas, en consonancia con Augusto Comte y Littré, todos hemos partido de este concepto: la sociedad es un ser vivo, por tanto, crece, se desenvuelve y se transforma; esta transformación perpetua es más intensa a compás de la energía interior con que el organismo social reacciona sobre los elementos exteriores para asimilárselos y hacerlos servir a su progresión.(SIERRA, 1986, p.257-258)

Na referência acima o autor discute o papel das leis sociais em relação ao pensamento positivo de Comte e Spencer. As proposições dos filósofos só poderiam ser factíveis mediante o despertar de uma consciência nacional, que amparada por um Estado forte, que possibilitaria a manutenção da ordem social, poderiam de maneira concreta elevar o México ao panteão das grandes nações. Um esboço desse modelo foi vivenciado a partir de 1867, com a presidência de Juárez, período em que o exército experimentou significativa melhora, sobretudo do ponto de vista organizacional, além do prestígio³⁷ e admiração perante a população urbana. Contexto que, na leitura de *Sierra*, ajudou a consolidar o sentimento de pertencimento à pátria:

Factores eran éstos de primera importancia para producir un estado social caracterizado por la entrada definitiva del pueblo mexicano en el período de la disciplina política, del orden, de la paz, si no total, sí predominante y progresiva, y para acercarse así a la solución de los problemas económicos que preceden, condicionan y consolidan la realización de los ideales supremos: la libertad, la patria...(SIERRA, 1986, p.259).

Há que se destacar aqui sua referência ao povo mexicano sem hierarquizar, sem alijar nenhum segmento social. Ele de fato não subalternizava socialmente quando se tratava de erigir a pátria projetada à luz das doutrinas evolucionistas tão em voga no período. Por outro lado, as reflexões de *Sierra* acerca do sentimento nacional e ordem social não eram leituras isoladas. Em fins do século XIX as mudanças nas dinâmicas sociais, somadas à substituição de uma matriz eminentemente agrícola, que então guinava fortemente para a indústria, sobretudo no mundo ocidental, evidenciou ainda mais o atraso mexicano em relação aos principais países ocidentais da época, em especial o vizinho do norte, os Estados Unidos da América, tratado por (*Sierra* 1986, p. 259) como "el gigante que crecía a nuestro lado y que cada

³⁷ Grande parte dessa mudança se deve a vitória mexicana contra a invasão francesa.

vez se aproximaba más a nosotros, a consecuencia del auge fabril y agrícola de sus Estados". A contraposição do vizinho, inexoravelmente apontado como modelo ao México, era sempre reiterada.

Entretanto, a conjuntura interna era dramática. Enquanto o exército se consolidava como uma instituição com expressiva força social e política, as disputas internas em meio aos oficiais se tornava crônica. Disputas por privilégios entre coronéis e generais testaram uma vez mais a capacidade política de Juárez. Os militares exigiam investimentos vultosos por parte do governo mexicano, que enfrentava forte diminuição de suas receitas e, para Sierra, tais problemas representavam uma tarefa difícil de equacionar:

La obra gubernamental era, empero, irrealizable sin finanzas, y la creación de ellas parecía más irrealizable aún, por la dificultad tremenda de la reorganización del país y nuestra falta absoluta de crédito en el exterior, producida no sólo por la inmensa desconfianza y el invencible recelo con que se veía nuestra tentativa de fundar un verdadero gobierno, indiscutido en sus principios, consentido en sus medios y nacionalmente aceptado en sus fines (cosa que, puede decirse, era insólita en nuestra historia), sino por la entera y legítima actitud que habíamos tomado frente a nuestros acreedores extranjeros, considerando unos créditos como nulos de origen y otros sujetos a revisión y a pactos nuevos.(SIERRA, 1986, p.260-261)

As perturbações econômicas e sociais vividas pelo México no período revelaram, de acordo com Sierra, a capacidade política de Juárez e seus ministros, sendo os mesmos fundamentais para a não eclosão de um novo conflito civil de caráter anárquico. A defesa e legitimação de Juárez, como um mestiço “com capacidades muito além das expectativas”, devido certamente às suas origens indígenas e mestiças, evidenciou para Sierra uma situação singular, na qual a nação mexicana teria o modelo de cidadão para o futuro isto é, mestiço, letrado e como parte ativa da sociedade. Essa “energia” que Juárez

transmitia, segundo Sierra, apontava possibilidades futuras, significando a regeneração da raça e a ponte para o futuro do México:

En otro orden de actividades puso el Gobierno la mano con impulsadora energía: Juárez creía de su deber, deber de raza y de creencia, sacar a la familia indígena de su postración moral, la superstición; de la abyección religiosa, el fanatismo; de la abyección mental, la ignorancia; de la abyección fisiológica, el alcoholismo, a un estado mejor, aun cuando fuese lentamente mejor, y el principal instrumento de esta regeneración, la escuela, fue su anhelo y su devoción; todo debía basarse allí.(SIERRA, 1986, p.263)

O exemplo e a importância de Juárez, para Sierra, era tamanha que com o falecimento do mesmo Sierra tratou o fato com "una calamidad nacional". Essa assertiva do autor foi, de certo modo, corroborada, uma vez que até o fim do primeiro mandato de Díaz o México enfrentaria tempos difíceis em todos os aspectos.³⁸ Diante de uma situação interna confusa, a imagem do México perante o mundo, já considerada de tradição anárquica, ficou ainda pior com a fama de não cumpridor de acordos e dívidas. Uma das considerações fundamentais de Sierra, nesse momento pós morte de Juárez, foi o novo campo de possibilidades que o governo de Díaz possibilitaria:

La virtud política del Presidente Díaz consistió en comprender esta situación y, convencido de que nuestra historia y nuestras condiciones sociales nos ponían en el caso de dejarnos enganchar por la formidable locomotora yankee y partir rumbo al porvenir, en preferir hacerlo bajo los auspicios, la vigilancia, la policía y la acción del gobierno mexicano, para que así

³⁸ Sierra faz um balanço dessa ambiência: “Eso era la sociedad. Los factores oficiales eran pésimos: el ejército federal que, desorientado, perplejo, descontento de sí mismo, se había dividido entre las dos banderas que se apellidaban constitucionales, pero que en su inmensa mayoría se había mantenido fiel al deber, ahora ingresaba en masa en el ejército de la victoriosa revolución y se sentía humillado, comprimido, impaciente, pronto a sacudir lo que reputaba una cadena y un yugo; sus principales jefes, o lo habían abandonado, o veían desdeñosos la turba que los rodeaba con el secreto deseo del desquite. (SIERRA, 1986, p.274)

fuésemos unos asociados libres, obligados al orden y la paz y para hacernos respetar y para mantener nuestra nacionalidad íntegra y realizar el progreso.(SIERRA, 1986, p.277)

Estados Unidos e progresso eram exemplos recorrentes nos projetos para alavancar o México da prostração social e econômica. Ao fim da terceira parte da obra que examino, *Sierra* de maneira direta sobreleva os problemas do México enquanto nação. Para ele, um dos gargalos impeditivos do progresso se constituía na questão de que a política não dialogava com o âmbito social, tampouco com a economia. Disputas crônicas por poder e prestígio acabaram por minar as tentativas de estabelecimento do progresso em solo mexicano. Ainda que de maneira velada, inicialmente Sierra fazia críticas a Díaz por representar a velha política mexicana que ele almejava superar. Para o autor, uma representação do pior tipo de política possível, visto a forma como Sierra, discutia os embates pouco frutíferos das alas liberais e conservadoras no país e os desencontros políticos desde tempos coloniais. Nessa perspectiva, a concepção de uma evolução política e social foi perenizada no título da obra de Sierra como um devir.

1.4- Ideias, Tramas e Política: Um México inquieto.

Quando um mexicano diz ahora (agora) na realidade ele não quer dizer neste momento, pois sua ideia de tempo, repito, é diferente da comum. Mas se ele disse horita (agorinha) podemos esperar que a coisa prometida aconteça dentro de uma hora. Se, porém, apertando os lábios e prolongando muito os ii ele disse horitita, as perspectivas dum acontecimento mais rápido se tornarão melhores

(VERÍSSIMO, 1996, p. 260)

No século XIX o mundo sofreu transformações expressivas. No século anterior, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial ditaram a forma com a qual o mundo ocidental se redirecionaria. A Europa passou por inovadoras mudanças de ordem intelectual e política, fomentando as bases da

representação de liberdade e progresso. Nesse sentido, propalava-se que o progresso do capitalismo iria resolver todos os problemas sociais da humanidade. Para Odália:

O século XIX dá a impressão, às vezes, de ser uma vasta e rica cornucópia, de onde se retiram, conforme o gosto e o paladar de cada um, sonhos ou pesadelos. Amado ou odiado, ele está sempre presente sob nossos olhos; porém, à força de tanto tê-lo sob os nossos olhos, é que as análises e interpretações que dele possuímos na mesma medida o revela e o escondem. (ODÁLIA, 1997, p.31-32)

Na segunda metade do século XIX, o México buscou estabelecer internamente os preceitos basilares do mundo ocidental; como reiterado, nesse cenário, modernidade e progresso eram preconizados como os pilares para um México estável e próspero. A principal figura política nesse momento foi o então General Porfírio Díaz, que disputou as eleições presidenciais em dois momentos, 1867 e 1871, sendo derrotado em ambas por Juárez³⁹. Com a morte deste, em 1872, após sofrer um ataque cardíaco, a presidência foi ocupada pelo então ministro do Supremo Tribunal, Sebastian Lerdo de Tejada. De origem *criolla*, Lerdo era conservador no que se referia ao aspecto social e tinha pouca afinidade em relação aos índios e às camadas pobres da sociedade mexicana. Contudo, em sua breve passagem à frente da presidência, teve atuação mais eficiente que Juárez em vários aspectos. Talvez devido às origens distintas dos dois presidentes, nos primeiros dias de seu mandato a Câmara dos Deputados mostrou-se mais sensível às suas determinações do que em relação a Juárez. Além disso, *Lerdo* possibilitou a criação do Senado, diluindo assim grande parte do poder da Câmara, fortalecendo dessa forma o papel central do Executivo. (BARBOSA, 2010).

³⁹ Em 1872, *Díaz* lançou o Plano de *La Noria*, nome de uma fazenda de sua propriedade, no qual acusava o governo de ter fraudado as eleições e convocava o povo a revoltar-se. O plano fazia vagas alusões à necessidade de reformas sociais, mas, na verdade, tinha um único ponto específico: a Presidência devia limitar-se a um único mandato. Para dar ao programa um caráter menos pessoal, *Díaz* prometeu não concorrer nas eleições seguintes. (KATZ: 2002, p.36)

Não obstante, *Díaz* estava atento às dificuldades do governo de *Lerdo*, sobretudo, em relação à sua resistência à construção de novas estradas de ferro entre o México e os Estados Unidos. E, com o apoio de setores da Igreja católica e dos militares, lança-se novamente à disputa presidencial, respaldado no chamado *Plan de Tuxtepec*, em que ele próprio recomendava a não reeleição. Katz aponta que *Díaz* buscava o apoio das duas principais forças políticas liberais, os *hacendados* e a classe média:

Quando os azares políticos de Lerdo se exacerbaram, Díaz empreendeu novo ataque em janeiro de 1876. A seu pedido, o comandante militar de Oaxaca lançou uma proclamação, o Plano de Tuxtepec, no qual convocava uma revolta armada contra Lerdo e a favor da eleição de Díaz para a Presidência. Como no Plano de La Noria, defendia o princípio da não-reeleição. Mas, ao contrário do plano anterior, este estendia-se ao nível municipal. A defesa da democracia municipal era uma causa muito popular tanto entre a classe média quanto junto à classe baixa da sociedade; além disso, era apoiada por alguns hacendados cujo poder estava sendo minado progressivamente pela crescente autoridade dos governadores, que muitas vezes eram também os maiores fazendeiros do Estado. Sensibilizava especialmente a classe média, que até então exercera grande controle não só nas pequenas cidades, onde era fortemente representada, mas também em muitas aldeias, que frequentemente escolhiam para prefeito e administrador pessoas que sabiam ler e escrever e tinham uma situação econômica melhor do que a maioria dos camponeses. (KATZ, 2002, p.40).

Ainda de acordo com Katz (2002), a ofensiva de *Díaz* surtiu efeito e, em uma segunda tentativa, ele foi eleito presidente, em 1877. Sua eleição muda o corpo político mexicano, característica de um governo com forte apelo militar. *Díaz* considerava o exército dividido e demasiadamente fraco, sem qualquer possibilidade de ser a base de manutenção de poder do regime. O exército

forte representaria o instrumento de repressão aos particularismos oligárquicos e o controle sobre a classe média e os agricultores.

Após embates com as fileiras conservadoras da sociedade e, posteriormente, contra as investidas militares francesas em solo mexicano, o governo veiculou uma contundente acepção entre os liberais mexicanos, reiterando terem travado um segundo momento na luta pela independência, uma luta que representava o rompimento definitivo com as velhas classes dirigentes do país. Uma das instituições principais afetadas ao longo do século XIX, a Igreja Católica, que outrora detinha poder e prestígio, viu os mesmos serem retirados com a mesma facilidade e rapidez com que a mesma tomava as decisões nos séculos XVII e XVIII. Um novo quadro político e econômico pedia passagem numa marcha inexorável em busca do progresso tão caro ao período e que perpassava a base discursiva e programática também na América Latina.

Como ressaltado, o vizinho do Norte, os Estados Unidos da América era o modelo a ser seguido e, para tanto, o preço a pagar seria alto. Toda a estrutura social vigente até a segunda metade do século XIX precisava se modernizar e o dirigente apto para essa missão deveria aliar capacidade de atrair investimentos estrangeiros e garantir a organização e paz interna. Características comuns nos Estados nacionais latino-americanos, sem uma sociedade civil organizada e reivindicativa, sobretudo imediatamente após a independência, era a proclamada necessidade de um líder popular forte e capaz à frente da nação, que seria capaz de resolver os grandes impasses estruturais que emperravam o almejado progresso. No caso mexicano, o caudilho carismático Porfírio Díaz parecia se amoldar a tal figurino institucional. Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2010, p. 33), é um dos autores que aponta o governo de Díaz como aquele que “estabilizou a economia e a política no último quarto do século XIX, depois de meio século de instabilidade após a independência”.

A unificação nacional e a centralização política de seu governo propiciaram a pacificação interna e o período ficou conhecido como a *pax porfiriana*, fundamentada no uso da força extrema contra qualquer dissidência,

bem como a abertura do México ao capital estrangeiro, que então tinha nos Estados Unidos seu principal “investidor”. De acordo com BARBOSA (2010, p.34-37) o programa de governo de Díaz era estruturado em três pilares: pacificação e ordem nacional, progresso econômico e centralização do poder político. Após um primeiro governo de pouca ação efetiva, Díaz consegue fazer seu sucessor político, Manuel Gonzáles, que ocupa a cadeira de presidente entre (1880-1884). Com a atuação pífia de Gonzáles, as reivindicações pelo retorno de Díaz ganham força, culminando em um segundo mandato para presidente, em 1884. Neste segundo mandato, o uso da força e coerção popular se tornou a principal vertente de política pública. Díaz reprimiu rebeliões internas das forças militares e combateu revoltas camponesas e indígenas com extremo rigor. Ainda segundo BARBOSA (2010), *Díaz* buscou a modernização jurídica do México, tendo como carro chefe a substituição de leis que remetiam aos tempos coloniais, sob a alegação de instauração de novos códigos legais, civil, penal, de mineração e comércio. Tais medidas, somadas ao pagamento da dívida externa com os Estados Unidos, e uma aproximação ainda que tímida com Inglaterra, França e Alemanha, deram novo fôlego às finanças mexicanas. Perspicaz, *Díaz* usou o momento auspicioso a seu favor, ao estabelecer, junto às lideranças sociais, um comparativo entre os indicadores socioeconômicos do país entre os anos de 1877 e 1888.⁴⁰

Nesse cenário, o historiador Friedrich Katz (2002, p.45) aponta a importância dos Estados Unidos para o desenvolvimento do México, no que se reporta aos investimentos de longo prazo e capacidade de crédito da nação mexicana, que ainda buscava estabilidade. Nas palavras do autor, a estratégia porfiriana era definida da seguinte forma:

As políticas internas de *Díaz*, que prometiam estabilidade interna e concediam subsídios extremamente generosos, levaram os empresários norte-americanos a assinar contratos para a construção de duas importantes estradas de ferro, que

⁴⁰ O progresso econômico, segundo a visão oficial do período, seria resultado de quatro pontos: a ordem e a pacificação do país; a riqueza natural; a presença de imigrantes; e o investimento de capital estrangeiro. (BARBOSA, 2010, p.36).

deviam ligar os Estados Unidos ao México. Para a elite política mexicana, a construção das ferrovias era o único meio de salvaguardar a independência política do país da possível agressão militar do vizinho. Claramente, a esperança de *Díaz* era de que os empresários norte-americanos e seus financiadores e políticos, por terem muita coisa em jogo, não iriam correr o risco de uma nova guerra mexicano-norte-americana que no final poderia arruinar o México. (KATZ, 2002, p.45).

Ambos os autores destacam a necessidade de investimentos estrangeiros na economia mexicana. Nessa linha de raciocínio, GUERRA (2009, p.196-197), enuncia outra perspectiva para a constante busca de relações comerciais com outros países priorizados por *Díaz*:

Porfirio Díaz también concilió con el extranjero y alcanzó la tercera de sus metas: obtener el reconocimiento internacional. Logró restablecer las relaciones diplomáticas con Francia, Inglaterra, Alemania y Bélgica, que se habían roto tras la moratoria decretada por Juárez. Asimismo, se granjeó el favor de Estados Unidos. Las relaciones con el vecino del norte implicaban problemas de diversa índole; la deuda exterior mexicana; el paso de tribus indígenas y ladrones de ganado a territorio mexicano y el de las tropas que los perseguían. (GUERRA, 2009, p.197-198).

Sob esse influxo, veicular uma imagem positiva do México para o mundo era considerada fundamental pelo governo e pelas principais instituições do país. Nesse cenário favorável, Porfirio logrou consolidar seu regime após 1884; dessa forma, não só conseguiu apoio para inviabilizar qualquer candidatura de membros da oposição, mas também obrigou o congresso a aprovar as emendas constitucionais que garantiriam a ele a possibilidade de reeleição entre 1888 e 1892, ampliando, ainda, o mandato presidencial para seis anos. Com a melhora da economia e o significativo progresso social durante essa etapa do governo, aflora no México uma elite econômica que, em certa medida,

pode ser entendida como aquela que dirigiria o México após uma possível saída de *Díaz* do poder. Entre seus membros estavam grandes proprietários de terras, comerciantes, burocratas e banqueiros. No interior dessa classe, o grupo que teve maior destaque foi aquele chamado de científicos, formado por financistas, tecnocratas e intelectuais.⁴¹

A ascensão da filosofia positivista, não só no México, mas em boa parte do continente ao final do século XIX, sinaliza a importância do pensamento científico como aquele capaz de guiar com segurança e efetividade as nações ao progresso. Durante o governo de *Díaz*, arraigou-se no México a filosofia *comtiana* do positivismo⁴², que influenciou o pensamento do regime, combinado com o darwinismo social de Spencer, cuja ideologia é inseparável do progresso⁴³. A prática da política científica tinha por base a aplicação dos métodos da ciência aos problemas sociais. Um dos princípios dos científicos era que a sociedade deveria ser administrada por pessoas com capacidade de domínio sobre a ciência moderna. Como destacado anteriormente, o periódico *La Libertad* foi de suma importância para a disseminação dessas concepções e para o regime de *Díaz*, uma vez que Justo Sierra formulou no periódico a conceituação da política científica proposta por ele e seu grupo para o país.

Não obstante as incensadas e propaladas inovações políticas e constitucionais, a condição do índio continuava sendo de exclusão. BARBOSA (2010, p. 41) enfatiza que “os pueblos indígenas estavam preocupados em perder suas terras para o governo, para os latifundiários e para as companhias de demarcação de terras, e ficavam à mercê das tropas federais”. Para os científicos, a sociedade deveria ser guiada por homens evoluídos, com capacidade empreendedora, o que explica o avanço vertiginoso do progresso

⁴¹ Em 1881, alguns dos principais partidários de *Díaz* entre intelectuais e a classe alta tentaram cimentar o regime *porfiriano* com a criação de um Partido Liberal, baseado nos princípios científicos do positivismo. Fato que explica a alcunha recebida desse grupo como Científicos.

⁴² Segundo João Ribeiro Jr. o positivismo “busca estabelecer a máxima unidade na explicação de todos os fenômenos universais, estudados sem preocupação alguma das noções metafísicas, consideradas inacessíveis, pelo emprego exclusivo do método empírico, ou da verificação experimental.” (RIBEIRO JR: 1982, p.12.

⁴³ *Justo Sierra* foi influenciado por Spencer, pois entendia o progresso como uma estrutura de etapas. No caso de *Sierra*, no México, as etapas foram a barbárie, durante a independência e a Reforma, a estabilidade interna já no período do *Porfiriato* e um progresso fundido com a liberdade para a última etapa.

industrial e da agricultura, rumo às terras de comunidades indígenas e comunidades camponesas⁴⁴. O historiador Willian D. Raat discute a relação dos científicos com o índio e o campo. Segundo ele, o pensamento dos científicos, estruturado como aquele proveniente de uma elite natural, tinha o dever de remodelar a sociedade mexicana para os novos tempos:

Ésta, pues, era la orientacion ideológica del líder de los científicos, Don José Yves Limantour. Era la suya una filosofía de las elites naturales que estaban obligadas a dirigir y desarrollar a la sociedad mexicana. La masa de los mexicanos, por su naturaleza misma, racial o de cualquiera índole, era física y socialmente inferior. Su punto básico de partida filosófica era la nación darwiniana del “predominio del más fuerte” aplicada al campo social. La condición de los índios, para él, era el resultado de una ley inmutable de la naturaleza, una ley que los fijaba en una situación permanente, haciendo poco probable que pudieran ser transformados en el llamado hombre moderno. (RAAT, 1970, p.420)

A proeminente atuação dos científicos foi crucial para a longa permanência no poder e a legitimação do porfiriato. Entretanto, é preciso enfatizar a especificidade do México enquanto nação e, no interior desse contexto, o regime instaurado por Díaz, bem como o nascimento e a configuração dos científicos. Essas forças, somadas ao uso da violência institucionalizada e à significativa capacidade financeira, contribuíram para as profundas mudanças no México, que viu grande parte da população comum à margem do almejado progresso.

⁴⁴ Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino também apresentam um quadro geral do impacto das políticas de expansão econômica do regime de Porfírio Díaz. De acordo com as autoras, durante o longo governo de Díaz “o México passou por acelerado processo de modernização e crescimento econômico. Nas terras do norte e do sul praticava-se, em geral, a agricultura de exportação, mantendo-se relações de trabalho assalariadas. Mas, nessas regiões, também havia a modalidade da parceria, assim como a de trabalho forçado, como era o caso dos índios *Yaqui* em estado de semi-escravidão no Yucatán. Na parte central do México, desenvolvia-se a agricultura de subsistência. O Estado de *Morelos* é uma exceção, pois lá se cultivava a cana-de-açúcar para exportação. É de se notar que a produção de alimentos básicos de consumo cotidiano, como o milho, diminui a ponto de o país precisar importar esse cereal tradicional nas mesas mexicanas.” PRADO, PELEGRINO: 2014, p.102.

Nesse sentido, entende-se a tentativa dos científicos em se converterem em partido político, como forma de garantir o progresso, em fusão com a liberdade. A falta de liberdade no início do século XX foi uma das principais críticas dos científicos. Friedrich Katz reflete sobre o projeto desse grupo:

Em 1891, alguns de seus principais partidários do meio intelectual e da classe alta tentaram cimentar o regime porfiriano com a criação de um Partido Liberal baseado nos princípios científicos do positivismo. (Daí a alcunha de científicos com que esses homens foram conhecidos no México.) Os objetivos dessa proposta eram unicamente e ao mesmo tempo para ampliar a base do regime a fim de fortalecê-lo e impor algum tipo de restrição ao próprio Díaz. No entanto, a criação de um partido asseguraria algum tipo de sucessão ordeira e impediria o que uma grande parte da elite mexicana mais temia: o ressurgimento dos distúrbios e conflitos no país, se Díaz morresse ou não conseguisse completar o mandato. (KATZ, 2002, p.60).

Dessa forma, a possibilidade de um México mergulhado na anarquia era o maior temor dos científicos e a manutenção da ordem era o foco. Percebe-se que, na visão do grupo, *Porfirio Díaz* era um mal necessário, pois com ele à frente do governo a ordem estava assegurada, uma vez que a economia crescera significativamente, reafirmando-se os pilares da filosofia científica.

Todavia, entre 1900 e 1910, aquilo que parecia distante se confirmou no México. O surgimento e articulação de forças políticas de oposição, rompendo a estabilidade da *Pax Porfiriana*, que não podia mais responder aos anseios da classe alta e da classe média. É, portanto, nesse instante, que todas as experiências e tentativas de modernização se fizeram sentir no país, no qual uma classe operária ainda em formação também começou a bradar por condições e direitos do mundo moderno. Esse quadro de incompletude de

progresso para o México foi a causa nevrálgica das revoltas que aconteceriam poucos anos mais tarde⁴⁵ e que serão contempladas a seguir.

⁴⁵ Essas revoltas foram a base para a primeira grande revolução de cunho social do século XX, a Revolução Mexicana, que ocorreu entre os anos de 1910.

PARTE II

A POSITIVAÇÃO DA IDENTIDADE MISTIÇA MEXICANA

Neste capítulo serão evidenciados os principais elementos presentes na construção textual de *Sierra* em relação a uma pretensa identidade mexicana. Inicialmente, será analisada a categoria ensaística em suas particularidades. Para tal, arrolamos alguns estudos sobre o tema, bem como buscamos localizar o papel do intelectual enquanto indivíduo público, capaz de dar ou não voz às inquietações da sociedade mexicana ao longo do porfiriato. Em um segundo ato, arrolamos as especificidades da experiência político-social do positivismo em solo mexicano. Amparada pelos estudos de Leopoldo Zea, a pesquisa busca mapear o papel do positivismo enquanto ferramenta política, na tentativa de uma reorientação nacional.

Ao fim deste capítulo, discutiremos o núcleo do pensamento de *Sierra*, enquanto historiador, ensaísta e intelectual. Estudar o século XIX na América Latina é também pensar os problemas de hoje; as escolhas nacionais entre monarquias, ditaduras ou repúblicas passava primeiro pela elaboração de ideias e tais ideias referenciavam o papel social do intelectual. No caso mexicano, a necessidade de se formar um Estado forte levantou o debate acerca da identidade, conseqüentemente impôs-se a pergunta: O que é nação? que ressaltava a falsa ideia de harmonia proposta pelos líderes mexicanos após a independência. A relação era mais representação do que prática na escrita nacional, na tentativa de se forjar uma identidade unívoca, por exemplo no México ao fim do século XIX. Para desestabilizar o discurso europeu sobre a inferioridade constitutiva dos povos ibero-americanos, *Sierra defendeu* a ideia de um povo mexicano unido, na tentativa de mostrar que o propalado atraso latino-americano não se dava pelas raças que a compõem, mas sim pelo sistema de espoliação a que estão sujeitos historicamente. Essa concepção não era recorrente no período e aponta a novidade da perspectiva desse autor.

2.1- O ensaio e o papel social do intelectual

A pesquisa se detém e se mantém no estudo do fenômeno, não para dele dar uma descrição ingenuamente positivista, mas, pelo contrário, para lhe restituir sua dimensão de objeto “bruto”, único e irredutível; ela o imobiliza nesta brutalidade para preservá-lo do esquecimento e da destruição, cujas explicações já prontas são formas correntes.

(GAGNEBIN, 2011, p. 10)

Eleger ensaios⁴⁶ como foco de estudo e enquanto fonte histórica é, sem dúvida, uma tarefa instigante. O gênero textual teve na segunda metade do século XIX e início do XX, mais precisamente na América Latina após as lutas pela independência, seu instante mais frutífero, no que se refere ao volume de produções nas mais variadas regiões do continente e a riqueza de detalhes sobre os modelos nacionais propostos pelos dirigentes das novas nações⁴⁷. Antes de adentrar as sinuosidades características desse gênero de escrita, cabe destaque para o debate acerca da dificuldade em estabelecer um local resguardado para o ensaio, entre trabalhos teóricos e filosóficos. A carência de estudos que abordem metodologicamente o gênero contrasta com sua forte aceitação nos meios acadêmicos, sobretudo após a segunda metade do século passado.

No que se reporta à situação heterogênea do ensaio, temos nos estudos de MAÍZ (2010) um aporte importante, quando este aponta que o ensaio transita na relação tripartite da história, filosofia e literatura. O autor apresenta em seus trabalhos caminhos metodológicos possíveis para o ensaio, que na

⁴⁶ O termo em sua acepção moderna provém do escritor francês *Montaigne* (1533-1592). (GUERINI. 200, P,11)

⁴⁷ A origem do ensaio hispano-americano remonta ao século XVII, sendo refletida por temas característicos que definem e distinguem de outras formas textuais, com demonstrações no campo da identidade política, social, econômica, cultural e nacional. Quanto aos precursores, figuras como: *Simon Bolívar* e *Andres Bello* e os fundadores, *Juan Montalvo*, *Eugenio Maria Ostos*, *José Martí* utilizaram o gênero em diferentes proclamações, os planos do governo, memoriais, sermões, cartas e discursos que lhes permitiu pensar sobre como realizar a emancipação em cada nova nação. Ponderações disponíveis em: <http://castellanocomoarte.blogspot.com.br/p/el-ensayo-hispanoamericano-jose-enrique.html>

sua visão é fruto da mescla da experiência pessoal do autor com o mundo ao redor. Além disso, *Maíz* define a “atitude ensaística” na capacidade de reflexão e questionamento que o ensaísta assume ao escrever sua representação de mundo. Na visão do autor, a classificação ou mesmo local do ensaio como gênero discursivo, se deve a questões históricas de sua origem:

Dicho en otros términos, el ensayo tiene un origen en la obra de Montaigne por haberle asignado no sólo la denominación, sino también, y fundamentalmente, por la creación de un modelo. Aunque el género como tal queda instituido desde el momento en que Francis Bacon adopta el modelo y lo continúa. También, la respuesta dada por Guillén al problema de la constitución de un género impone la necesidad de dar cuenta de los principios constructivos que regulan históricamente una clasificación genérica, tanto desde el punto de vista de la conciencia creadora como desde la recepción por parte de una comunidad lectora (MAÍZ, 2004, p.13-14).

Uma das características basilares do ensaio é sua capacidade de transformação e adaptação. De acordo com *OVIEDO*⁴⁸ (1991, p.11): “el ensayo, aunque definible, parece no tener límites. Género camaleónico, tende a adoptar la forma que le convenga, lo que es outro modo de decir que no se ciñe a una forma establecida”. A escrita ensaística, característica do autor que aqui referencio, é por essência híbrida, uma vez que a categoria textual pode dialogar e narrar fatos históricos, filosóficos, literários e mesmo científicos, em perspectiva personalista.

O estado híbrido do ensaio permite ao leitor uma liberdade interpretativa. É justamente nessa autonomia do leitor que o ensaio ganha forma, pois é o instante onde os anseios e sentimentos do ensaísta transitam com o entendimento pessoal do leitor. Justo Sierra retratou em seus ensaios representações do papel social de um intelectual, ao enfatizar, mesmo de

⁴⁸ *José Miguel Oviedo* (1934), professor e crítico literário peruano, docente na Pontifícia Universidade Católica do Peru, ministra as disciplinas: Literatura peruana e literatura hispano-americana nessa instituição.

maneira velada, críticas sobre a política e a sociedade mexicana ao longo do regime político de Díaz. Nesse sentido, a pretensa condição do intelectual enquanto agente provedor de mudanças na sociedade busca estabelecer a sua “verdade”. No caso de Sierra, tal “verdade” se pautava pela elaboração de uma perspectiva de futuro, na qual o México tivesse como base a liberdade. *Sierra* entendia a sociedade mexicana como um organismo vivo, dotado de capacidade evolutiva:

La sociedad es un ser vivo, por tanto; crece, se desenvuelve y se transforma; esta transformación perpetua es más intensa a compás de la energía interior con que el organismo social reacciona sobre los elementos exteriores para asimilárselos y hacerlos servir a su progresión. (SIERRA, 1986, p.258).

Nessa passagem, avulta a concepção positivista de *Sierra*. Para o autor, o papel da ciência era fundamental, ao permitir o avanço do que ele definiu como “*ciertos grupos humanos*”. Entendemos esse grupo como mestiços e indígenas, que na visão de *Sierra* eram atrasados e inertes; portanto, fora dos trilhos da modernidade e progresso. Nesse sentido, destaco a importância do estudo ensaístico enquanto fonte de pesquisa. Oviedo destaca que o ensaio se distinguiu da filosofia, história e literatura enquanto atividades acadêmicas, por ter uma reflexão única sobre um determinado tema:

La gran diferencia es que en el ensayo ese lenguaje es un reflejo vivo de la persona que piensa, analiza y descubre: es un lenguaje singular y reconocible como tal, pues no ha renunciado a la subjetividad y aun a los vuelos imprevisibles de la fantasía. (OVIEDO, 1991, p.14).

Dessa forma, devido à sua ampla disseminação e aceitação, o ensaio pode não só estabelecer uma reflexão sobre determinado tema, como elaborar propostas e levantar questionamentos sobre o mesmo, mesclando pensador e escritor. OVIEDO (1991, p.15), de maneira categórica, defende a reflexão ensaística para além de uma mera exposição de ideias. Para o autor,

“no solo eso: al reflexionar sobre un asunto y al hacer su propuesta, el ensayista se cuestiona a si mismo, haciendo del ensayo un doble vehículo de especulación”. O gênero ensaístico dialoga tanto com aquele que sabe algo sobre determinado tema, bem como com aquele que já detém expressivo conhecimento sobre o mesmo, mas que busca aprender um pouco mais. Tal condição ocorre devido à forma pouco ortodoxa do ensaio. Nesse sentido, este gênero narrativo estabelece um pensamento aberto com o leitor e o mundo histórico no qual ele se encontra. Essa forma única consiste na relação de tons, interesses e formas, em um exercício de liberdade intelectual. Em fins do século XIX, em grande parte da América Latina, observa-se a profícua produção de ensaios, que buscaram apontar caminhos para o progresso. Considerando-se a produção mexicana do período, percebemos a influência de um modelo europeu, sobretudo após a independência. A “condição fronteira” do ensaio solidifica-se na falta de um modelo estético que o explique em sua totalidade. GUERINI (2000) investigou a questão singular do gênero ensaístico:

É de se estranhar a ausência de uma teoria sobre um dos temas centrais da literatura e da história da ideias, isto é, o ensaio, gênero que pode ser colocado entre os mais antigos, pois as suas origens se encontram nos *Diálogos* de Platão, nas *Epístolas* de Sêneca, nas *Meditações* de Marco Aurélio, nas *Confissões* de Santo Agostinho, nos discursos fúnebres etc. (GUERINI, 2000, p.11)

Ao longo do artigo, Guerini (2000), questiona o fato de inúmeras publicações sobre literatura e linguística não darem atenção e espaço adequado ao estudo teórico acerca do ensaio. Em conformidade com a concepção dos autores anteriormente citados, Guerini, aponta os elementos que corroboraram para tal quadro:

A falta de teorização sobre o assunto explica-se em parte ao vasto campo que esse gênero abarca, podendo ser comparado com o romance, que é um gênero, segundo August Wilhelm Schlegel, que tem por objetivo abranger tudo e, assim, pode

fazer uso de quase todos os gêneros, pois pode se relacionar e ter traços em comum com outros gêneros, tais como o drama, o tratado, a prosa didática, a biografia, a historiografia, o relato de viagens, as memórias, a confissão, o diário, etc. (GUERINI, 2000, p.19)

Nesse passo, por sua vez pensando as questões da escrita canônica, Dominick LaCrapa examina a crise da História intelectual, identificando como epicentro o avanço da História Social. LaCapra reflete sobre as relações entre o texto e contexto, sendo que para ele “o texto é dinâmico” e, dessa forma, registra o local de fala de cada autor (LaCapra: 1998, p. 237-253. O termo “Ser Obra”, portanto é possível na produção textual de Sierra, uma vez que a textualização é o que torna o acontecimento real.

La Capra reforça a ideia da ligação entre a produção dos historiadores e outros pensadores. O autor destaca a importância da História Intelectual como uma ferramenta privilegiada na análise crítica das relações entre sujeito/objeto, discurso e realidade, amparada pela ligação entre texto e contexto. Para o autor, a posição do historiador não é única; portanto, cabe ao presente estudo apontar algumas possibilidades analíticas para uma leitura crítica do discurso de Sierra, que traz em seu bojo elementos que se encontram para além do primeiro olhar do leitor, uma vez que o contexto é construído sobre “restos”. Para LaCapra, os chamados “grandes textos” deveriam ser lidos de modo a formular o problema da relação entre estes textos com diversos contextos pertinentes, produzindo dessa forma uma interação entre o tempo e o objeto do historiador:

Pero las implicaciones de mi planteamiento se extienden a toda forma de menosprecio extremo del diálogo entre pasado y presente, diálogo que exige una sutil interacción entre proximidad y distancia en la relación de historiador con el “objeto” de estudio. (Esta relación dialógica entre historiador o el texto histórico y el “objeto” de estudio plantea la cuestión del papel de la selección, el juicio, la estilización, la ironía, la parodia, la auto parodia y la polémica en el uso que el historiador hace del lenguaje; en síntesis, la cuestión de cómo

el uso del lenguaje por parte del historiador se dirime a través de factores críticos que no pueden reducirse a la predicación fáctica o la aserción autoral directa sobre la “realidad” histórica. (LACAPRA, 1998, p, 240).

Procedida a essa ênfase do autor sobre como lidar com textos canônicos, como considero os de Sierra, é importante registrar que o carisma não era uma característica genérica da alta cúpula governamental mexicana no período aqui considerado. Sierra fazia parte do grupo dos científicos, conforme citado anteriormente. Todavia, esse grupo não era certamente muito admirado pela população. Talvez seja este um dos representativos problemas enfrentados pelo México do século XIX: as lideranças não estavam em sintonia com os anseios do povo, o que levou Díaz a recorrer a medidas repressivas de forma crescente. Essa falta de sintonia levou ao descontentamento generalizado que, por sua vez, teve desdobramentos dramáticos; o México passou por uma luta revolucionária no início do século XX. Sequer o projeto educacional proposto por Sierra contemplou parte do vasto contingente populacional subalternizado e quando o governo não alcançou o equacionamento econômico a situação se tornou explosiva. Entretanto, cabe aqui destacar a importância do discurso de Sierra como um fator de ruptura em meio a longas permanências na vida política/social do México no fim do século XIX, daí o seu papel proeminente, reconhecido ainda hoje.

Conforme reiterado, *Sierra* destacou-se como um intelectual representativo. Sua luta em prol da educação e da liberdade lhe conferiu a alcunha de “*El Maestro de América*”, uma vez que, para ele, antes do povo ter acesso à liberdade, à ordem e ao progresso, era preciso ter conhecimento de sua história e, acima de tudo, construir e manter a sua identidade nacional. Para a consecução dos seus propósitos, os mexicanos evoluíam em etapas que ele demarcava ao longo da história nacional, sob os auspícios do positivismo.

2.2- A experiência positivista mexicana

Este carácter del positivismo en México, abiertamente ligado a un grupo social y con pretensiones políticas precisas, ha determinado las interpretaciones políticas que casi siempre se le han dado. Las interpretaciones que se han dado al positivismo en México han estado determinadas por la posición social, política e religiosa de sus intérpretes.

(ZEA, 1985, p. 29)

A reflexão continental no século XIX esteve fortemente ancorada em dois elementos centrais; a caracterização dos obstáculos na formação das jovens nações e as tentativas de solucionar os problemas mediante modelos estrangeiros. A centralização política e a união nacional constituíram a base do debate intelectual em todos os países pós-independentes.

De maneira geral, a bandeira do liberalismo foi, num primeiro momento, o Norte a ser seguido na busca pela consolidação dos novos Estados nacionais. Como assinalado, em 1867 as forças liberais no México derrotaram as frentes de ocupação sob Maximiliano, que representou o termino do sistema monárquico do Velho Mundo e a implementação das Leis da Reforma e a modernização ainda que tímida das instituições nacionais mexicanas. Hale (2002, p. 332-333) aponta que as ideias de Republicanismo e de “espírito” americano, ganharam força no México após o embate com as frentes imperialistas francesas. O autor defende ainda a tese de que o Novo Mundo se mostrava como um farol de esperança para o progresso humano, sob o comando de instituições livres e modernas.

O autor destaca o caso mexicano como basilar para a difusão do ideal republicano na América Latina e entre os entusiastas republicanos europeus, apontando que “a vitória mexicana suscitou grande parte da ambivalência que os latino-americanos haviam manifestado anteriormente com relação à Europa” (HALE, 2002, p. 334). A aproximação entre as forças republicanas representou, em um primeiro momento, o estabelecimento de um Estado secular. Dialogando com as ideias de Hale, WASSERMAN (2013) alude às

particularidades do liberalismo mexicano, sob a égide de José María Luis Mora⁴⁹, à época considerado um radical, por questionar a influência social e econômica que a Igreja Católica mantinha no México independente. A ideia do Estado oficialmente neutro em relação às questões religiosas era um desejo antigo das elites dirigentes nacionais mexicanas. Um Estado moderno e próspero deveria ser formado por indivíduos livres, iguais perante as leis e acima de tudo respaldados por um Estado laico. Ambiente favorável para as ideias positivistas dos científicos, que mesmo sendo formados por um pequeno grupo, tinham na verdade científica sua principal bandeira:

Seus temas centrais eram a razão, o indivíduo, o progresso, a liberdade, a natureza e o endeuamento da ciência. Quando trasladados ao campo da política, esses conceitos eram utilizados para erradicar a anarquia e impor a ordem. Neste sentido, os autores positivistas davam uma certa continuidade às ideias políticas do século XIX, mas tinha um discurso eloquente porque era baseado em "provas científicas irrefutáveis", segundo as leis da "física social". (WASSERMAN, 2013, p.54).

Nesse passo, CARVALHO (1998) apresenta uma profícua reflexão sobre a formação das identidades nacionais dos países latino-americanos. O autor reflete sobre quatro modelos (formas) defendidos por Domingo Faustino Sarmiento, José Julián Martí e Pérez, José Enrique Rodó e o brasileiro Manoel Bonfim que assinalavam suas visões da América, em paralelo às visões de *Sierra* para o México. As possibilidades propostas por esses quatro autores esbarravam em um ponto em comum: equacionar o problema do índio. Nesse passo, o autor aponta o período pós-independência como um campo de teste para as doutrinas filosóficas-científicas vigentes em solo europeu:

A absorção cega de soluções européias ou norte-americanas às deficiências hispano-americanas acabava por assimilar

⁴⁹ José María Luis Mora (1794- 1850) Historiador, padre e político mexicano foi um dos liberais mais proeminentes nos primeiros dias da Independência.

também conotações claramente racistas, num momento em que era bastante influente as interpretações norte-americanas das teses do darwinismo social e do evolucionismo spenceriano, segundo as quais os indivíduos fortes - assim como as nações - triunfariam e os débeis ficariam eliminados. (REZENDE, 1998, p.4)

A estabilidade política proposta pela intelectualidade latino-americana sustentava-se sob o prisma do triunfo das ideias científicas. No caso mexicano, manifesta-se essa disputa entre o pensamento liberal e o pensamento conservador, que durou vários anos, e no interior da própria ala liberal existiam antagonismos.⁵⁰ Durante os dois primeiros mandatos de *Porfírio Díaz*, como ressaltado anteriormente, ideólogos de seu regime atuaram incisivamente para legitimar seu governo e defenderam sua continuidade, em nome da ordem social e do progresso. É nesse universo de questões que a filosofia positivista ganha força, sobretudo, entre os “científicos”, uma vez que eles passaram a ter papel ativo na economia, no âmbito social e na política mexicana. Todavia, antes de qualquer debate sobre o papel dos científicos durante o porfiriato é preciso compreender a transformação política empreendida por Porfírio Díaz nos anos que se seguiram a 1884. O historiador Serge Berstein⁵¹, em texto intitulado “Os partidos”, apresenta o papel do partido como aquele com capacidade de mediação política:

É no espaço entre o problema e o discurso que se situa a mediação política, e esta é obra das forças políticas, que têm como uma de suas funções primordiais precisamente articular, na linguagem que lhes é própria, as necessidades ou as aspirações mais ou menos confusas das populações. Por isso, a mediação política assume o aspecto de uma tradução e,

⁵⁰ No Partido Liberal Mexicano existiam antagonismos; um exemplo é o próprio periódico liberal *La Libertad*, que criticava incisivamente as práticas do partido, pautando-se apenas na imposição de seu dogma aos conservadores.

⁵¹ Nascido em 1928, professor *agrégé* de história, doutor, especialista em história política, professor de história contemporânea no Institut d' Études Politiques de Paris. Defendeu tese sobre o Partido Radical no período entre as duas guerras.

como esta, exibe maior ou menor fidelidade ao modelo que pretende exprimir. É precisamente uma das tarefas do historiador que trabalha com as forças políticas tentar perceber essa distância, fundamental para a compreensão dos fenômenos históricos, entre a realidade e o discurso. (BERSTEIN, 2012, p.61).

Conforme assinalado, Díaz chegou ao poder com um discurso anti reeleição. Em um primeiro momento, ele respeitou essa propositura, quando passou a presidência ao *seu sucessor após as eleições*; contudo, a partir do seu segundo mandato, portanto, desde 1884, recorreu à mediação política de um partido único⁵², isto é, o partido do governo, e faz o que Berstein assinala como dicotomia entre a realidade e o discurso. Porfírio consolidou seu regime após 1884; dessa forma, não só impediu qualquer candidatura de membros da oposição, mas também obrigou o congresso a aprovar as emendas constitucionais que lhe garantiriam a possibilidade de reeleição entre 1888 e 1892, ampliando, ainda, o mandato presidencial para seis anos. Sierra, ao defender o regime político de Díaz, o faz em um sentido positivo, com a alegação de garantias aos direitos populares:

La actitud del general Díaz, la escisión entre Juárez y Lerdo, cosa tenida por imposible, tanto así parecían unimismados en propósitos estos hombres, y, a consecuencia de esto, la formación de una oposición parlamentaria que se acercaba a la mayoría, sostenida en la prensa con un talento, una pasión y un exceso de lenguaje temibles, señalaron muy a las claras la importancia de la crisis. El Presidente, firme en su propósito, resolvió afrontarlo todo; estimulado por una ambición, perfectamente humana, de conservar el poder, del que creía

⁵² Américo Nunes pondera sobre a condição política construída por Porfírio Díaz entre 1884 e 1900: “Só há um partido: O Porfirista, dentro do qual se defrontam duas tendências: a civilista e a militarista. Ao final do século XIX, nasceu um outro grupo no seio dos civilistas: o dos científicos, formado por homens de negócios e pelos mais renomados intelectuais da época, como Limantour, Pablo Macedo, Francisco Bulnes, Justo Sierra, Emilio Rabosa, etc. O chefe deste grupo é o Ministro das Finanças, J. Y. Limantour; graças à sua brilhante gestão financeira ele adquire um enorme peso político junto a P. Díaz.” (NUNES: 1986, p.56).

que podría hacer buen uso en favor de la consolidación de las instituciones y de la paz, a costa ciertamente de una guerra interior, que, lo repetimos, consideraba como la prueba suprema de la fortaleza del poder central; convencido de que su renuncia a la candidatura, único modo acaso de evitar la reelección, parecería una retractación de sus miras o una deserción de sus deberes, cuando en realidad ninguna de las otras candidaturas podía aspirar al triunfo sino por el peso del grupo juarista yuxtapuesto a ellas, asumió a la cara de la tormenta deshecha que amenazaba, su ya clásica imperturbabilidad; volvió a mostrarse el bronce que los huracanes llegan a hacer vibrar, pero que no alcanzan a conmover. (SIERRA, 1986, p.265).

Conforme já ressaltado, com a ascensão da filosofia positivista, não só no México, mas em distintos graus em vários países do continente, ao final do século XIX há uma reiteração da importância do pensamento científico como aquele que guiaria as nações ao progresso. Durante o governo de Díaz, inseriu-se mais profundamente no México a filosofia *comtiana* do positivismo,⁵³ que influenciou o pensamento do regime, combinado com o darwinismo social de Spencer, cuja ideologia vincula-se umbilicalmente ao progresso. O historiador estadunidense. DURANT (1983) examina a jornada intelectual e filosófica de Spencer, ao longo do século XIX, destacando que para este os fenômenos sociais, tal como os físicos, podiam ser reduzidos a leis científicas, de modo que toda a filosofia deveria se concentrar no progresso. Os aportes de Spencer rumo ao progresso são a base do pensamento de Sierra. A escolha não por acaso da palavra “evolucion”, no título da obra que examino, possibilita, no nosso entendimento, duas leituras: a primeira de que para Sierra a ideia de evolução estava ligada à liberdade, uma vez que o México desde os tempos coloniais buscava paz e estabilidade social em seus líderes, o que

⁵³ Segundo João Ribeiro Jr. o positivismo “busca estabelecer a máxima unidade na explicação de todos os fenômenos universais, estudados sem preocupação alguma das noções metafísicas, consideradas inacessíveis, pelo emprego exclusivo do método empírico, ou da verificação experimental”. (RIBEIRO JR: 1982, p.12).

implicava uma crítica ao regime de *Díaz*, que se prolongou no poder por meio de uma ditadura. Uma segunda leitura aponta a ideia de evolução enquanto um preceito biológico, que levaria inexoravelmente o homem ao progresso. Em ambas as situações, as ideias de *Sierra* pautavam a consolidação do pensamento positivo:

Las ciencias naturales - y la de la sociedad es de ellas, y con la de la sociedad las que hacia ella gravitan, como la historia, la economía política, etc.- resultan cada vez más sobrias en generalizaciones. El período juvenil y brillante de las grandes teorías absolutas fundadas sobre un corto número de hechos insuficientemente observados, ha desaparecido, y sólo de vez en cuando algún rezagado adorador de los procedimientos añejos publica su sistema histórico y social, especie de cosmos, sin más valor que el literario; obre de arte, que no de ciencia, en suma. A ese que llamaríamos el período romántico de las ciencias sociales, ha sucedido el realista, si vale decirlo así; el positivo, para darle su nombre legítimo. (SIERRA, 1986, p.300).

Em suas formulações, Durant aponta que, assim como Comte, Spencer também tentou forjar uma religião do progresso para a humanidade, com um intrincado sistema de sacerdócio, sacramentos, orações e disciplina. Em síntese, Spencer formou e desenvolveu seus conceitos filosóficos em constante dialogo com a ideia de evolução da humanidade. DURANT (1983, p.16) vai além, ao comparar Spencer a Colombo, pois “o novo mundo tomou o nome de Américo Vespúcio, porque ele desenhou num mapa. Herbert Spencer foi o Vespúcio da idade de Darwin e também um pouco seu Colombo”.

Ao considerar a Lei dos Três Estados⁵⁴, fundamentados em Comte, os ideólogos do *porfiriato* compartilhavam a visão de que a sociedade era um

⁵⁴ No primeiro estado, o teológico, os fenômenos sociais e da natureza seriam explicados enquanto resultados das ações divinas. No segundo estado, o metafísico, a busca por explicações recorreria a uma reflexão sobre a essência e o significado abstrato das coisas. Por fim, no estado positivo, as explicações sobre o mundo natural e social seriam fabricadas

organismo em desenvolvimento, em fusão com a ciência moderna. Nesse passo, o historiador Charles A. Hale apresenta um panorama da situação sob os preceitos positivistas do regime de Díaz, reiterando que a História era a maneira mais adequada para estudar e entender o desenvolvimento das nações. A influência de tais leituras da filosofia *comteana* no México surtiu seus primeiros efeitos na formação superior. Era preciso modernizar a educação nacional, uma vez que a ideia de progresso econômico e social do mundo ocidental implicava diretamente na capacidade de compreensão e desenvolvimento:

No México, a estrutura universitária formal foi uma criação infeliz da Reforma de meados do século; e o foco da renovação educacional veio a ser a *Escuela Nacional Preparatoria*, fundada em 1867 com a restauração da República. Foi inspirada por *Gabino Barreda* (1818-1881), um professor de medicina que assistiu às conferências de Comte entre 1848-1851 e introduziu o positivismo na comissão da reforma educacional do presidente *Juárez*. A nova escola, dirigida por *Barreda* até 1878, substituiu o antigo e renomado *Colegio de San Ildefonso* e assumiu o papel, até então ocupado por este, de principal educador da elite dirigente e intelectual do México. (HALE, 2009, p.349).

No caso mexicano, o positivismo ganha espaço em 1867 sob influxo de *Gabino Barreda*. A *Oración cívica*⁵⁵ trazia em seu bojo a fusão das ideias da

através da observação dos fenômenos, da elaboração de hipóteses e da formulação de leis universais. (HALE, 2009, p.348-355)

⁵⁵ Em artigo publicado 2013 Laura Ibarra García sintetiza: La Oración Cívica que Gabino Barreda pronunció en 1867 en Guanajuato con motivo de la conmemoración del Grito de Dolores bien puede considerarse el discurso fundador del positivismo en México. La lectura que hizo el presidente Benito Juárez de dicho discurso fue uno de los motivos por los que Barreda fue invitado a formar parte de la comisión encargada de redactar un plan de reorganización educativa. Las ideas expuestas en dicho discurso quedaron plasmadas en la ley que orientaba y reglamentaba la instrucción en México, desde la primaria hasta profesional, incluyendo la preparatoria y que fue publicada el 2 de diciembre del mismo año. Esta ley sanciona la enseñanza elemental obligatoria, laica y gratuita, dispone la abolición de los antiguos bachilleratos y su centralización en una Escuela Nacional Preparatoria. *Barreda, su*

filosofia comteana e a própria realidade mexicana. Nesse sentido, a obra do intelectual mexicano Leopoldo Zea: *El positivismo y la circunstancia mexicana*, é nuclear para o entendimento do cenário daquele país em fins do século XIX. ZEA (1985) aponta que o positivismo em solo mexicano foi uma doutrina necessária para colocar fim ao histórico anárquico mexicano desde tempos coloniais. Para esse autor, o positivismo era um conceito que expressava um conjunto de ideias que pretendia solucionar os problemas sociais do homem:

El positivismo será una doctrina con pretensión universal, pero la forma en que ha sido interpretada y utilizada por los mexicanos, es mexicana. Para poder saber lo que de mexicano hay en esta interpretación, es menester ir a nuestra historia, a la historia de los hombres que se sirvieron del positivismo para justificar ciertos intereses, que no son los mismos de los positivistas creadores del sistema. (ZEA, 1985, p.27).

A condição do positivismo em solo mexicano não foi um fenômeno popular, no sentido de ampla disseminação. A doutrina não era discutida por pessoas comuns ou em círculos estendidos. As deliberações e o debate sobre o tema ficaram restritos, particularmente, ao grupo político-ideológico de Díaz. Em suma, uma expressão ideológica dos científicos. Zea, em sua obra, faz um breviário do positivismo em sua origem. Ao pontuar que Comte era expoente de uma burguesia que almejava cargos políticos importantes após a Revolução Francesa, Zea assinala que Comte “trato de mostrar que no hay orden sin progreso ni progreso sin orden”. A máxima de Comte discutida por Zea, em certa medida, sintetiza a tese de Sierra sobre o governo de Díaz:

En esta obra nada ha sido más fecundo para el país – y la Historia lo consignará en bronce -, que la íntima colaboración de los inquebrantables propósitos del Presidente y de las convicciones y aptitudes singulares del que en la gestión de las finanzas mexicanas representa los anhelos por aplicar a la

primer director, consideraba que ésta constituía el campo propicio para poner en práctica la doctrina filosófica de Augusto Comte. (GARCÍA, 2013, p.15-16)

administración de nuestro crédito, el equilibrio de nuestros presupuestos, la libertad de nuestro comercio interior y el progreso concomitante de las rentas públicas. (SIERRA, 1986, p.283).

O exercício de Zea, ao tratar a questão singular do positivismo no México, é um dos momentos fundadores do movimento latino americano de História das ideias. CARVALHO (2009) assinala que apensar o pensamento latino-americano pós-independência, é uma vertente da História de Ideias, que se relaciona com a autoafirmação nacional, no primeiro momento, e continental, posteriormente. Nesse sentido, a obra de Zea não busca apenas apresentar a experiência positiva em solo mexicano e sim a busca por uma cultura própria e singular. Ao longo do estudo de Zea, destaca-se o debate sobre o espaço e forma de atuação da filosofia positivista no México, bem como a relação dos intelectuais dos oitocentos com a referida corrente filosófica:

Com base nessa perspectiva, fica evidente que tal programa abriu portas para a recuperação do passado filosófico latino-americano, sob a forma de uma história das ideias. Esse resgate do pensamento, segundo Zea, deveria ser compreendido no diálogo com a própria circunstância ou com a realidade histórico-social da América Latina, e não a partir de circunstâncias alheias. (CARVALHO, 2009, p.41)

O conceito de política científica tinha por base aplicar os métodos da ciência aos problemas sociais. Um dos princípios dos científicos era que a sociedade deveria ser administrada por pessoas com capacidade de domínio sobre a ciência moderna. Um dos empecilhos significativos para esses propósitos foi a condição do índio e do camponês, que continuava sendo de subalternização e exclusão. BARBOSA (2010, p, 41) enfatiza: “os pueblos indígenas estavam preocupados em perder suas terras para o governo, para os latifundiários e para as companhias de demarcação de terras, e ficavam à mercê das tropas federais”. Esse era um procedimento padrão e, para os

científicos, a sociedade deveria ser guiada por homens evoluídos, com capacidade empreendedora, o que explica o avanço vertiginoso do progresso industrial e da agricultura ao custo da expropriação de terras comunais, o que afetava, particularmente, camponeses e indígenas. O historiador Willian D. Raat discute a relação dos científicos com o índio e o campo. Segundo ele, o pensamento dos científicos, estruturado como a elite natural, tinha o dever de remodelar a sociedade mexicana para os novos tempos:

Ésta, pues, era la orientacion ideológica del líder de los científicos, Don José Yves Limantour. Era la suya una filosofía de las elites naturales que estaban obligadas a dirigir y desarrollar a la sociedad mexicana. La masa de los mexicanos, por su naturaleza misma, racial o de cualquiera índole, era física y socialmente inferior. Su punto básico de partida filosófica era la nación darwiniana del “predominio del más fuerte” aplicada al campo social. La condición de los índios, para él, era el resultado de una ley inmutable de la naturaleza, una ley que los fijaba en una situación permanente, haciendo poco probable que pudieran ser transformados en el llamado hombre moderno. (RAAT: 1970, p.420).

Reitera-se que o papel dos científicos foi crucial para a manutenção e legitimação do porfiriato e no interior destes destaca-se a proeminência de Sierra. Todavia, é preciso entender a concepção do período sobre o México enquanto nação e, dentro desse contexto, o regime instaurado por Díaz, bem como o surgimento e a configuração dos científicos.

2.3- Los científicos

A guerra pela independência durou mais de dez anos, durante os quais a trágica terra mexicana se empapou de muito sangue, e terminou com a vitória dos patriotas e a expulsão dos espanhóis. A princípio os mexicanos pareciam não saber o que fazer com a vitória. Que tipo de governo adotar? Começou então o rosário de absurdos da história do México.

(VERÍSSIMO, 1996, p,175)

Representantes de uma burocracia agrária e pequenos comerciantes, os científicos, jovens intelectuais que buscavam espaço na vida pública mexicana na virada do século XIX, mais precisamente em 1892, davam suporte e legitimação ao governo de *Díaz*, em sua terceira reeleição. Desde cargos na administração pública até o judiciário, os científicos tinham como objetivo inicial a criação de um partido político calcado no pensamento positivo.

Propalados como “os melhores do país”, o grupo estabeleceu em pouco tempo um conjunto expressivo de poder na vida política mexicana, sobretudo na vida urbana da capital. Os primeiros representantes do grupo foram Manuel Romero Rubio e José Yves Limantor, que foi secretário do tesouro da administração de Díaz, sendo responsável direto pela abertura do país em moldes liberais para as potências ocidentais⁵⁶, fator que permitiu a Limantor acumular grande riqueza ao longo do tempo. (NUNES, 1980, p.22-25) De acordo com César Arturo Velázquez Becerril (2011) outros expoentes do grupo foram: Francisco Bulnes, Sebastián Camacho, Joaquín Diego Casasús, Ramón Corral, Francisco Cosme, Enrique C. Creel, Alfredo Chavero, Manuel María Flores, Guillermo de Landa y Escandón, José Yves Limantour, los hermanos Miguel y Pablo Macedo, Jacinto Pallares, Porfirio Parra, Emilio Pimentel, Fernando Pimentel y Fagoaga, Rosendo Pineda, Emilio Rabasa, Rafael Reyes Espíndola e o autor aqui pesquisado Justo Sierra Méndez. *BECERRIL (2011)* ressalta que a política científica foi forjada no manifesto da União Liberal, lançado em 23 de abril de 1892, sendo escrito pelo próprio Justo Sierra, que elencou os principais objetivos do grupo:

1. Es necesario reafirmar la paz y el progreso logrados por el presidente Porfirio Díaz. 2. Se requiere de una severa aplicación para lograr la activación del programa de “integridad administrativa”.

⁵⁶ Instante em que as relações econômicas e comerciais entre México e Estados Unidos se tornam vigorosas desde a guerra entre ambos.

3. *La Economía deberá adquirir la prioridad para la reorganización de algunos sectores del gobierno, en particular el del Ministerio de Guerra.*
4. *El sistema tributario deberá sustentarse en verdaderas bases científicas.*
5. *Se demandan acciones firmes para eliminar todos los obstáculos que imposibilitan un adecuado ejercicio del libre comercio interno.*
6. *Se pretende la elevación del progreso moral e intelectual, por medio de una firme educación que se transmita aún a los sectores más populares, y que logre capitalizar el rápido crecimiento de las comunicaciones requerido.*
7. *Sin estas transformaciones necesarias, peligraba la democracia mexicana hasta convertirse en un estéril utilitarismo, dañino para todas las virtudes cívicas y para la producción de ideas.* (BECERRIL, 2011, p.12).

De acordo com esse autor, o grupo respaldava-se no modelo tecnocrata, o que reforçou a ideia de que grandes oligarquias estrangeiras deveriam explorar as riquezas minerais e petrolíferas presentes em solo mexicano. Efetivamente, uma tímida abertura nas contas públicas ocorreu sob a tutela do grupo, fato que permitiu um expressivo avanço na economia do país, o que não significou melhora na condição de vida da maior parte dos trabalhadores urbanos e rurais. Nesse sentido, o historiador Friedrich Katz assinala que as medidas tomadas por Limantour representaram um novo encaminhamento no México:

Além de atrair investidores estrangeiros para o país, o principal meio que *Díaz* dispunha para aumentar sua receita era dinamizar a administração financeira do país e modernizá-la. Esse processo já tivera início no governo de Juárez, porém o fator mais eficiente da modernização revelou-se também um dos mais capazes financistas do país, *José Yves Limantour*, a quem *Díaz* confiou o Ministério das Finanças em maio de 1893. Em 1896, pela primeira vez na história do México, *Limantour*

equilibrou o orçamento. Com isso, a taxa de crédito do país aumentou enormemente e os empréstimos internacionais ficaram mais fáceis: o governo de *Díaz* pôde fazê-los em condições muito mais vantajosas do que antes. (KATZ, 2008, p.58).

A perspectiva do mundo ocidental a respeito do México era problematizada por SIERRA (1986, p.274), ao afirmar que “en el exterior, las peripecias y el final de la guerra civil habían causado una penosa impresión. Estaba probado; México era un país ingobernable”. Dessa forma, ao estimular relações comerciais com os Estados Unidos e com a Europa sedimentavam ainda que brevemente um ideal de fazer o México crescer nos moldes dos Estados Unidos, economicamente, e culturalmente nos moldes europeus, principalmente franceses. A carência de referências nacionais criou uma aversão da população comum em relação ao grupo, considerado uma espécie de mexicanos de mentira ou mexicanos sem espírito. Um sentimento anticientífico ganhou força em 1910, insuflando o movimento revolucionário de Francisco Madero. LOMNITZ (2008) interpreta a situação de desprezo sofrida pelos científicos nos seguintes moldes:

¿Qué tipo de fenómeno fue el sentimiento anticientífico? La pregunta es más desconcertante de lo que parece. En vísperas de la Revolución, el término científico solía remitir a la nueva burguesía modernizadora mexicana y, por tanto, el odio hacia los científicos se ha presentado como un odio de clase liso y llano. Sin embargo, no lo fue en los hechos, ya que combinó el odio de clase con destilados de sentimiento nacionalista particularmente autoritarios, e implicó también la denuncia de una variedad de doctrinas y un tipo de anticosmopolitismo. (LOMNITZ, 2008, p.443).

Nesse passo, LOMNITZ (2008, p.444-445), aponta que o ódio endereçado aos científicos era difícil de ser determinado porque era, ao mesmo tempo, difuso e disseminado. O autor pondera que “apuntar a una idea o a una ideología abstracta antes que a un grupo diferenciado de personas, o bien

seconfunde con una doctrina abstracta.” Para o autor, o ódio aos científicos representou uma das características nucleares do momento revolucionário mexicano. Todavia, Sierra não foi atacado com a mesma intensidade de seus pares. Tal análise sustenta-se no caráter unificador defendido por *Sierra*, que não se manifestava unicamente em nome de Díaz, dos científicos ou mesmo dos empresários. *Sierra* falava em nome da nação mexicana e seu lugar de fala era proeminente e relativamente consensual.

2.4. A evolução social e política de *Sierra*

Entre os inúmeros teóricos da evolução social foi Hebert Spencer o mais citado pelos latino-americanos. Tornou-se símbolo da época, mesmo que sua real influência tenha sido talvez menor do que a de Auguste Comte, outro "pilar" do positivismo. Apesar da atração que causou a Lei da Evolução de Spencer e seu uso sistemático da biologia para explicar a teoria social, suas ideias sobre a organização sociopolítica eram menos apropriadas às tradições ibéricas do que as de Comte.

(HALE, 2009, p, 362)

No avanço da ciência através dos séculos, mais precisamente ao final do século XV, a humanidade passou a creditar à ciência a função de responder e explicar as dúvidas do homem. A estabilidade e segurança da ciência deram margens para ideias que configuravam o progresso como algo necessário para a consolidação do homem moderno. Essa racionalidade moderna entrou no campo das ciências humanas visando resolver toda e qualquer dúvida do homem, em detrimento da própria existência humana em sua singularidade e vida prática. Abraham Moles (1920)⁵⁷ apontou as contradições acerca da ciência e sua perpétua busca por precisão. O autor destaca o fato de o

⁵⁷ Abraham Moles (1920-1992) doutor em física e filosofia. Professor de sociologia, psicologia e comunicação.

pensamento ocidental ter na precisão o eixo central de tudo aquilo que se constituiu como ciência e pondera:

É, certamente, nosso mundo adotou a opção de tornar-se cada vez mais “científico”: a ciência é o único verdadeiro triunfo do pensamento, o triunfo do inteligível e da coerência universal e da coerência universal. No entanto, a ciência não nasceu toda equipada no cérebro do físico, ela é um processo antes de ser um acabamento, ela é um penoso esforço para recomeçar perpetuamente a pensar de maneira precisa. De fato, dentro do balanço do tempo da vida de todos os homens, o pensamento científico “exato” ocupa apenas uma proporção muito pequena. E o que procuramos em nossas vidas é apreender estas coisas vagas que nos cercam de uma maneira um pouco menos arbitrária do que o fazíamos antigamente; talvez seja isto que chamamos de ser racional: um procedimento e não um estado. (MOLES, 1995, p. 16).

A “vertigem da precisão”, como trata Moles, é reflexo das conquistas da ciência ao longo do século XIX. Seja na química fina, física moderna ou na biologia, o papel e importância das ciências exatas na vida do homem se revelou contraditória ou mesmo imprecisa ao tentar responder as dúvidas da existência humana. Para Sierra, a falta de autoridade do executivo diante dos distúrbios sociais e políticos do México era um dos motivos para o atraso do país. Sierra entendia o progresso de maneira etapista, isto é, o progresso viria por etapas ligadas à educação, economia, governo e composição social, eliminando dessa forma uma solução em curto prazo. Ações do governo, aumento nas exportações ou entrada de capital estrangeiro seriam fundamentais nesse processo. A ideia de progresso de Sierra se manifestava, particularmente, na relação do índio e sua emancipação por meio do contato com indivíduos para os quais o progresso se apresentava em plenitude:

El gran agente modificador deberá ser, en este caso, la escuela, no ya por la enseñanza de tal o cual principio constitucional, enseñanza de acción lenta por extremo, sino por

el contacto del indígena con individuos en quienes el progreso se realiza plenamente. (SIERRA, 1986, p.307).

A constituição e fortalecimento das indústrias mexicanas era outro ponto para o estabelecimento do progresso segundo Sierra e o grande obstáculo a esse propósito era a baixa produtividade da mão de obra mestiça local, comparada às similares europeias e nos Estados Unidos, agravada pelos baixos soldos que impediam o avanço econômico e social, em um círculo vicioso. Mesmo aqui, Sierra não atribui as mazelas à questão racial tão em voga no período e sim à disfunção das empresas no país:

Los empresarios en la industria manufacturera son en su casi totalidad extranjeros; la población fabril está formada en su casi totalidad por mestizos. Su estado es inferior al de la fabril europea o norteamericana, porque disfruta de menor salario aun relacionándolo con el precio de los artículos de primera necesidad; pero en cambio es más sóbria; el pauperismo, es decir, la miséria creciente en proporción directa con el aumento de la maquinaria y de la prole, aún no llaga y exaspera y enloquece al organismo obrero. (SIERRA, 1986, p.307).

A preocupação de Sierra com a educação e o fortalecimento da indústria nacional reflete sua busca pelo estabelecimento consistente e ampliado do progresso no México. Um tipo de progresso que estaria além de qualquer líder ou governo, processo pelo qual os mestiços seriam também o motor do novo organismo social mexicano. A estrutura da obra e sua análise ajudam a entender tais perspectivas. O primeiro capítulo, intitulado *Etnografía y Demografía*, reflete a atenção de Sierra para o tipo de produção que naquele momento era extremamente acolhido e difundido. Sierra apresenta um quadro geral do que ele chama de “La Familia Mexicana”, e faz uma descrição sobre a condição do índio e sua situação de inércia:

La conquista y la dominación española, si no acabaron con las lenguas y la fisonomía de los pueblos sometidos, si los nivelaron por medio de una política que oscilaba

indefinidamente entre la opresión y la tutela, entre la explotación del indígena como animal y su protección como menor perpetuo, y que los sumergió en pasividad incurable, en donde aun en nuestra época viven, sin horizonte, sin ninguna comunidad de aspiraciones con los hombres de otras procedencias, conservando tenazmente, como en todas las razas primitivas sucede, los hábitos, las creencias y las inclinaciones de sus progenitores étnicos. (SIERRA, 1986, p.295).

Na concepção de SIERRA (1986, p. 296), a passividade na qual se encontrava o indígena tirava sua voz e, conseqüentemente, dava a ele apenas a capacidade de copiar: “Copia y se asimila la cultura ambiente (ya los primeros misioneros admiraban su aptitud para imitar), mas no procura mejorada: el pueblo terrígena es un pueblo sentado; hay que ponerlo en pie”. Nessa linha reflexiva, *Sierra* ainda afirma que além da passividade, o problema do índio era de ordem alimentar e educacional.⁵⁸ Contradição vivida pelo México naquele instante, o autor tipifica a família mestiça como aquela capaz de conduzir a nação mexicana ao progresso:

La familia mestiza ha ido creciendo incesantemente: los elementos del cruzamiento han sido el español (que pertenece a una raza mezclada en grado superlativo de elementos arianos y africanos) y el indio, de sangre mucho menos mezclada; en las costas el elemento negro puro, importado directamente de Africa, representa un papel importante; después vienen los cruzamientos secundários y terciários; hoy, la mestiza constituye la familia mexicana, propiamente dicha, con un tipo especial y general a un tiempo, cada dia más marcado; la población mestiza confina por un extremo con los indígenas, cuyas costumbres y hábitos conserva, y por outro

⁵⁸ Lo repetimos, el problema es fisiológico y pedagógico: que coman más carne y menos chile, que aprendan los resultados útiles y prácticos de la ciencia y los indios se transformarán: he aqui toda la cuestió” (SIERRA: 1986, p.297).

con los elementos exóticos, blancos sobre todo. (SIERRA, 1986, p.297).

A defesa do mestiço feita por Sierra não é por acaso. À medida que o debate sobre mestiçagem ganhava força, alguns intelectuais faziam duras críticas a esse processo, que estava na base demográfica mexicana, de resto uma característica continental e, por isso, objeto de recorrentes debates. Entre esses intelectuais, destaca-se Frances Gustavo Le Bon,⁵⁹ que afirmava em sua obra a incapacidade dos mestiços para o progresso da sociedade, configurando-os como raças inferiores. Sierra refuta tais diagnósticos em relação ao mestiço, apresentando dados e questionando a crítica desse autor que segundo Sierr, não tinha nenhuma base científica:

La inferéncia tiene por fundamento una observación incompleta, lo dijimos ya; toda ella puede resumirse en este hecho general: los países hispanoamericanos viven en médio de incesantes convulsiones políticas; luego, están mortalmente enfermos, no tienen porvenir, perecerán. ¿Es legítimo este razonamiento? ¿Puede probarse que esas convulsiones son sintomas de incurable enfermedad, a manera de epilepsia social? El epiléptico cesa pronto en su salud física y mental, en su desarrollo: ¿puede decirse esto de nosotros? ¿puede alguno que no nos haya estudiado desde el fondo de Arabia o de la India, o recorriendo de prisa las gacetas para tomar

⁵⁹ Gustave Le Bon, psicólogo francês, nasceu em 1841 e faleceu em 1931. Após concluir estudos em medicina, empreendeu viagens pela Europa, Norte de África e Ásia, que lhe ofereceram material para vários escritos nas áreas da antropologia e da arqueologia. As suas numerosas obras abrangem temas de biologia, psicologia, antropologia, química e física. Mas foram as suas tentativas para encontrar uma explicação cientificamente crível das multidões e da sua ação que o notabilizaram. É pioneiro nos estudos acerca da natureza do comportamento coletivo. Na sua obra *As Leis Psicológicas da Evolução dos Povos* (1894) desenvolveu a teoria de que a história resulta de características nacionais e raciais e de que a força dominante da evolução social não é a razão, mas a emoção. Em *A Psicologia das Massas* (1895), a sua obra mais difundida, defende que, numa multidão, a personalidade do indivíduo é dominada pelo comportamento coletivo. Assim, as suas formulações vieram a ser incluídas entre as "teorias do contágio", que descrevem o comportamento da multidão como uma resposta irracional e cega à situação psicológica criada pela circunstância da multidão. Para Le Bon, a energia das multidões influencia todos os acontecimentos da vida social e política.

apuntes etnológicos, negar que esta República nuestra haya andado con pasos de gigante, en relación con su edad y los obstáculos acumulados en su camino, la senda del progreso material e intelectual? Hace veinte años había 8.600 escuelas primarias; hoy pueden calcularse 13.000, en datos bajos. Hace veinte años había 280 kilómetros de ferrocarriles, y hoy 8.000 kilómetros, y más de 31.000 de telégrafos. (SIERRA, 1986, p.298).

Aguerrido defensor da ordem social mexicana, *Sierra* não hesitou ao afirmar que os anos de paz foram determinantes para a melhora social vivida e elevava o papel do mestiço na formação do México, criticando a falta de estudos sobre a história nacional: “Si se estudiase nuestra historia se veria que la Independencia y la Reforma no son más que actos de inmensa energía de la ‘raza bastarda’ de México”. *Sierra* é categórico ao afirmar o papel da “família mestiça” como aquela destinada a levar a nação mexicana ao progresso, pois romperia com as práticas privilegiadas de uma pequena parcela da sociedade, sobretudo o clero. O autor problematiza temas ligados à geografia, à economia, à educação e à colonização. Apresentou um quadro estático dos índios, com maioria na península do Yucatán, mostrando a formação do que ele chama de “la familia indígena agrícola”, além de destacar as diferenças entre os mestiços e as castas que então viviam na cidade. O aumento da população das principais cidades mexicanas seria o menor dos problemas nacionais. Ele usava como exemplo regiões altamente industrializadas, como a Europa e os Estados Unidos, que tinham mais encargos e complicações sociais. O autor dialoga com a diferença para legitimar sua escrita, baseada na dualidade. Ao falar da complexa geografia e da natureza mexicana marcada por extensas zonas áridas e confinada ao Sul dos Estados Unidos, *Sierra* assinala:

La naturaleza ha hecho tanto y tan poco por nuestro país, há compensado por tal suerte las ventajas con los inconvenientes, que todo ello acaba por parecer al pensador una ironía del Creador. (SIERRA, 1986, p.296).

Em outro ponto, mencionava o papel da Igreja: “Tratándose del cristianismo, que ha prestado servicios inçomparables a la civilización humana; y del catolicismo, a quien debe la vida la família indígena” (SIERRA, 1986, p.311). Em relação à natureza, Sierra (1986, p.298-302) se remetia, também, à questão da ligação entre o México e a Europa via marítima, pois o México tem uma extensa zona costeira. Em contrapartida, o autor lamenta a falta de vias de ligação natural entre os vários pontos produtores do país. Em relação à Igreja, a crítica é quanto à forma como os índios foram educados, como um menor incapaz, necessitando permanentemente de algum tutor⁶⁰. Ainda buscando legitimar a mestiçagem, sobretudo entre europeus e mexicanos, Sierra, como muitos autores no continente, também defendeu o projeto imigratório como fator de sucesso, apontando o exemplo dos Estados Unidos e mostrava o México ainda em processo de organização, graças ao governo de Porfírio Díaz:

En los países americanos en donde ya la colonización es un gran hecho práctico, en los Estados norteamericanos sobre todo, el tesoro público há contribuído directamente y en escala vastísima al establecimiento de colonos, proporcionándoles una parte extensísima de fondo público. En México era la opinión común que no existían terrenos de propiedad nacional. Ni hay baldios, se repetía, ni es posible privar a los poseedores del terreno que casi todos han usurpado, porque esta medida agrária traería, como indeclinable consecuencia, uma conmoción social. (SIERRA, 1986, p.314).

Fica claro que o México não estava pronto para um projeto migratório em larga escala, sobretudo pela inexistência de extensões significativas de terras disponíveis como foco de atração. Entretanto, segundo Sierra, o México não estava distante de um quadro educacional adequado para uma nação que buscava modernidade e progresso:

⁶⁰Sierra faz dura crítica a tal prática pedagógica. Porém também crítica a emancipação sem preparo do índio, que, na condição de cidadão, estava destinado à servidão.

No creemos que se trata de una panacea ni social ni moral. Los vicios que se achacan al mexicano, como la indolencia y la inclinación al robo, ambos bastantes conexos, están sujetos a modificarse y a desaparecer no solo por la acción de la escuela – ésta sería ineficaz funcionando aisladamente – sino por la transformación coincidente de las condiciones del trabajo nacional. (SIERRA, 1986, p.312).

O papel da educação era de suma importância para a manutenção da paz e da confirmação do avanço econômico. Sierra defendeu uma grande reforma educacional amparada no princípio positivista; dessa forma, o desenvolvimento físico, intelectual e moral das futuras gerações estaria assegurado. Ao final da obra, Sierra buscou respaldar o regime de Díaz, questionando as democracias modernas nas quais a instabilidade se instalava com facilidade. Para ele, somente “la seguridad y el respeto a las garantías atrajera al inmigrante y al capital europeo, condiciones primordiales de nuestro futuro progreso” (1986, p.320-321). O autor elabora um discurso contundente, na busca de apoio às suas reflexões acerca do futuro do México:

Es necesario, si queremos que el gobierno parlamentario sea un hecho, aumentar las atribuciones legales del Ejecutivo en la Constitución, para que no las busque en la práctica, aun fuera de la Constitución. Pero es preciso pensar en que este gobierno legalmente fuerte no se cambie en tiranía, y en que encuentre límites infranqueables. (SIERRA, 1986, p.327).

A par de pensar em instituições fortes no México, que não apenas garantissem a governabilidade mas que tivesse limites constitucionais precisos, para conter a tendência à tirania, no que se referia ao contingente populacional expressivo no México, a “família mestiça”, este foi objeto de exame privilegiado e positivado por parte de Sierra. Atualmente temos acesso a distintas formas de abordar o conceito de mestiço, ligado à chamada Etno-História, movimento de fusão entre proposições da Antropologia e da História, que se consolidou a partir dos anos 1960. A concepção aqui é de que houve uma mistura

imensurável, que foi tanto física, estética, quanto de crenças e de costumes. Entender como se operaram essas mesclas, com o intuito de compreender fenômenos contemporâneos, como a globalização e a *world culture*, é o projeto de trabalho do historiador francês Serge Gruzinski, por exemplo.

Suas pesquisas giram em torno de dois conceitos: mestiçagem e globalização, este último entendido como expansão dos valores ocidentais “ocidentalização”, bem como na sua aceitação, recriação ou rejeição. Esses dois termos seriam estreitamente ligados e fariam da mestiçagem um fenômeno incontável, inevitável, que teria engendrado o mundo contemporâneo, globalizado, desde os tempos da expansão ibérica na modernidade.

Em um ambiente pretensamente científico, que lamentava a mescla racial e em grande medida a execrava, Sierra se afastou dessa tendência, no que se refere especificamente a essa questão. Paradoxalmente, o pensamento intelectual de Justo Sierra reflete em grande parte a ideologia formulada durante o porfiriato: o projeto de nação unívoca a partir da mescla entre europeus e raça indígena que ele soube realçar como poucos. O significativo contingente mestiço no México, somado à manutenção da ordem social, foram certamente tópicos valorizados por esse intelectual. Sierra sem dúvida formulou um enfoque atemporal sobre essa questão. Seus questionamentos e anseios não se aplicam apenas ao México, pois ao final do século XIX a resolução da questão indígena e as reflexões sobre a mestiçagem passam a ser chave para o estabelecimento da modernidade e do progresso.

Considerações finais

Todo processo de pesquisa é complexo e requer um extenuante trabalho que começa com a escolha do tema, entre as muitas possibilidades, o recorte espaço-temporal no interior desse universo, a organização das fontes e tem como ápice o processo final de escrita. Preocupação quanto à forma e à estética estão presentes do primeiro parágrafo ao arremate final do texto. Em meio à escrita, situações inusitadas se apresentam em maior ou menor grau, tornando mais exíguos os prazos e cronogramas pré estabelecidos, o que torna o texto produzido algo único em meio aos demais de mesma temática ou recorte de estudo para aquele que assumiu essa ingente tarefa. Essa constatação visa pontuar uma etapa singular que é acadêmica, mas que está profundamente imbricada no cotidiano pessoal de quem se propõe a essa lide acadêmica, no meu caso agora concluída.

Feitas essas considerações, ressalto que o presente estudo se reportou a um momento único da História do México, como um tema importante para o debate histórico latino-americano. O México é um país que, tal como grande parte do continente, enfrenta a complexidade de diferenças abissais entre as camadas da população mais aquinhoadas e aquelas desprovidas dos direitos mais elementares, mazelas sociais pouco consideradas para além da retórica e que, frequentemente, não são efetivamente enfrentadas enquanto prioridades governamentais. Nesse sentido, o tempo de Sierra nos aponta questões importantes para possíveis entendimentos das dificuldades mexicanas lá, como cá. Nas obras examinadas nesse estudo, busquei apontar os pontos que destacassem o papel do índio e do mestiço na formação nacional do México, questões fulcrais para o projeto de nação proposto pelo autor que elegi.

A constituição do México moderno é resultado de anos de lutas e, obviamente, de transformações. Da independência ao governo de Porfírio Díaz, período aqui examinado, é perceptível a contradição entre os projetos propostos e sua exequibilidade como algo endêmico na vida pública daquele país. Entre embates de liberais e conservadores, no governo Díaz, nota-se o aguçamento do alijamento da população indígena e camponesa, sendo que a

mesma foi frequentemente usada como massa de manobra política e mão-de-obra.

A escrita de Justo Sierra na obra aqui arrolada, é um retrato parcial e, sob a perspectiva aqui apresentada, do pensamento progressista ao final do século XIX e início do século XX. Dessa forma, entender sua defesa em relação à mestiçagem e à paz social é entender o equacionamento quanto à situação do índio e do mestiço como cerne para a efetivação do progresso no México. Nesse âmbito, este trabalho busca contribuir para o entendimento das etapas de modernização propostas para o México no instante de escrita desse ensaio paradigmático de Justo Sierra. O debate sobre a condição do índio e do mestiço, a manutenção da ordem pública e o estabelecimento do progresso foram certamente o foco da reflexão do autor, trazendo um rico debate para as concepções sobre nação no final dos oitocentos. Uma modernidade incompleta, um recorrente processo de exclusão de expressivos contingentes populacionais, um progresso para poucos, esses foram os sintomas vividos pela sociedade mexicana, cuja resolução constituíram as bases programáticas dos líderes revolucionários anos mais tarde.

Nesse sentido, em sua escrita Sierra apresentou uma concepção exemplar de sociedade, ao passo que criticava os perfis propostos por grupos de pessoas alheias à cultura mexicana. Sierra assinalou argumentos sólidos em defesa do mestiço, enaltecendo a mescla racial e cultural. Para o autor, o mestiço constituía o pilar fundamental para uma análise singular do processo de formação identitária mexicana. Sierra foi em certa medida um precursor do debate em relação à identidade mexicana, visando responder à questão de quem era o cidadão mexicano pós-independência. Na visão do autor, o México era um organismo ainda carente de desenvolvimento, um tipo de evolução na qual a economia, a educação e a cultura deveriam trabalhar e avançar juntos. E justamente a solidificação e sucesso desses três fatores foi o grande desafio de Sierra expostos em sua obra seminal, ao abordar tais elementos no interior de um governo ditatorial como aquele de Díaz do qual fez parte e no qual é ainda hoje referenciado. Segue sendo significativo o papel e influência de Sierra no estudo do homem e sociedade mexicana no século XIX. Suas

ponderações o levaram ao patamar de intelectual referência, aos olhos de estudiosos e pesquisadores ao longo dos anos posteriores ao lançamento dessa obra emblemática.

Nesse sentido, o presente estudo foi elaborado no intento de apresentar Justo Sierra enquanto ideólogo basilar para o pensamento intelectual mexicano nos oitocentos. Por sua defesa em relação ao mestiço foi um diferencial no interior da produção histórica daquele país no período referido. A obra *Evolucion política de pueblo mexicano* foi concebida em um momento singular na história daquele país, pois fomentou uma narrativa que visava desconstruir os argumentos depreciativos em relação ao indígena e ao mestiço mexicano, mas que contribui para pensar o latino-americano em fins do século XIX.

O mestiço e mesmo o indígena formavam o imaginário narrativo de Sierra, a identidade proposta ou mesmo ensaiada em seus escritos reforçam o caráter histórico da mesma, ao se apresentar como um exaustivo panorama de formação do povo mexicano, cuja origem civilizatória remonta a períodos muito anteriores à chegada do europeu à América e Sierra valorizava essa ancestralidade. A defesa da “mestiçagem” na obra desse autor procurava responder a questões políticas e sociais concretas, com as ferramentas teóricas e discursivas e os preconceitos latentes ou explícitos de sua época. Construir uma identidade era também preservar o território nacional e a própria nacionalidade constantemente ameaçada pelo perigo estrangeiro. Defender a mestiçagem era também um enfrentamento para homogeneizar o país e salvar a nação, mesmo que isso significasse a destruição dos remanescentes culturais que se opusessem a esse projeto de padronização social.

Nesse passo, o presente trabalho buscou dentro de suas limitações propor o debate acerca do pensamento intelectual de Sierra em seu tempo. Entendemos que vários outros pontos poderiam ser explorados com fôlego e intensidade acadêmica; dessa forma, focamos em elementos ligados à história, identidade e ensaio. Não seria possível mapear em profundidade todas as ponderações de *Sierra* nas obras trabalhadas na presente pesquisa. Contudo, na realidade acadêmica brasileira, sobretudo no campo historiográfico, o pensamento de *Sierra* se mostra ainda pouco examinado, fato que incentivou e

impulsionou a presente pesquisa e sua almejada importância no interior dos estudos latino-americanos, contribuindo para a ênfase nas reflexões desse autor singular, ainda pouco referenciado nos estudos brasileiros.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNA, Timothy. A Independência do México e da América Central. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: Da Independência a 1870**, volume 3. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF – Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

ARDAO, Arturo. **“Panamericanismo y Latinoamericanismo”, in ZEA, Leopoldo (Org.). América Latina en sus Ideas. México: Siglo XXI / UNESCO, 1986.**

ALIMONDA, Héctor. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Moderna, 1986.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: UrsulaLudz, 2002,

BASAVE BENÍTEZ, Agustín. **México mestizo: Análisis del nacionalismo mexicano em torno da mestizofilia de Andrés Molina Enríquez**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 2002.

BECERRIL, César Arturo Velázquez. **Intelectuales y poder en el Porfiriato. Una aproximación al grupo de los científicos**. N. 41, 2011. Disponível em: <http://fuenteshumanisticas.azc.uam.mx/catalogo.html#41>

BAZANT, Jan. O México da Independência a 1867. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: Da Independência a 1870**, volume 3. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF – Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BETHEL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, no. 44, p. 289-321, julho-dezembro de 2009.

BITTENCOURT, Libertad Borges. México: forjando pátria - a mestiçagem como projeto de nação. In: SERPA, Élio Cantalício; MENEZES, Marcos Antonio (Orgs.). **Escritas da História: narrativa, arte e nação**. Uberlândia: Edufu, 2007.

_____. **Indigenismo e Nacionalidade na América Latina**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

_____. **Leituras canônicas e tradição pátria: o pensamento hispano-americano oitocentista em Bilbao, Sarmiento e Sierra**. Goiânia: Editora UFG, 2016.

_____. **O Crisol Americano e as Identidades Nacionais: o lugar das Américas no pensamento hispano-americano nos séculos XIX e XX**. 2010.

BURKE, Peter. **A escrita da História – novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. **Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das ideias**. Goiânia: Editora UFG, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. **O Mundo como Representação**. Lisboa: Difel, 1991.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Discurso pronunciado por Justo Sierra en la inauguración de la Universidad Nacional. Disponível em: http://www.100.unam.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=76 acesso em: 15/04/17.

DURANT, Will. **A Filosofia de Herbert Spencer**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint LTDA, 1983.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Pátria Mestiza: História e Memória na invenção da nação mexicana entre os séculos XVIII e XIX**. Tese de Doutorado em História. Campinas: IFCH-Unicamp, 2009.

_____. “A mestiçagem como exclusão do indígena na obra de Francisco Pimentel (México – 1864)”. In: **Anais Eletrônicos do IX Encontro Internacional da ANPHLAC**. Goiânia, 2010.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: idem. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUERINI, Andréia. **A teoria do ensaio: reflexões sobre uma ausência**. Anuário de Literatura, nº08, 2000, p. 11-27.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GARCÍA, Canclini, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. Ed. São Paulo: Edusp, 2008

GONZÁLEZ NAVARRO, Moisés. “Las ideas raciales de los científicos, 1890-1910”. *Historia Mexicana*, vol. 37, n. 4 (abr. – jun., 1988).

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GAMIO, Manuel. **Forjando pátria**. 4. Ed. México: Porrúa, 1992.

GUERRA, Elisa Speckman. **El porfiriato**. In: **Nueva historia mínima de México**. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALE, Charles. “As idéias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930”. In: BETTHELL, Leslie. **História da América Latina: de 1870 a 1930**, vol. 4. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.

JUNIOR, Valdir Donizete dos Santos. Mestiçagem e questão indígena no Porfiriato: identidade e alteridade nas obras de Justo Sierra. In: **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 14, p. 157-176, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1232/1095> - acesso em 25/11/16.

_____. O Porfiriato e a escrita da história mexicana na obra de Justo Sierra. In: **Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas**. Ouro Preto: EdUFOP, 2012. Disponível em:

<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2012/paper/viewFile/1004/686> - acesso em 26/11/16

HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios (1871-1914)**. 10. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998

KATZ, Frederich. “O México: a República Restaurada e o Porfiriato, 1867-1910”. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: de 1870 a 1930**, vol. 5. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.

KRAUZE, Enrique. **Porfirio Díaz, Místico de la autoridad**. Cidade do México: FCE, 1987.

LOMNITZ, Claudio. **“Los intelectuales y el poder político: la representación de los científicos en México del Porfiriato a la Revolución”**. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); MYERS, Jorge (org.). **História de los intelectuales en América Latina: I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo**. Buenos Aires: Katz, 2008.

LACAPRA, Dominick. **Repensar la historia intelectual y ler textos**. In: PALTÍ, Elias José. **“Giro lingüístico” e história intelectual**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

LYNCH, John. “As origens da Independência da América Espanhola”. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: Da Independência a 1870**, volume 3. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF – Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

MAÍZ, Claudio. **El ensayo latinoamericano: revisiones, balances y proyecciones de um gênero fundacional**. 1ª Ed. –Mendoza: Facultad de Filosofía y Letras UNCuyo, 2010

MOLES, Abraham A. **Racionalidade pobre e cientificidade mínima**. In: As ciências do impreciso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____ - **EL ENSAYO: ENTRE GENERO Y DISCURSO. Debate sobre el origen y funciones en Hispanoamérica**. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2004.

NUNES, Américo. **As revoluções do México**. São Paulo: Perspectiva, 1999

OVIEDO, José Miguel, **Breve Historia del ensayo hispanoamericano**, Madrid: Alianza Editorial, 1990.

ODALIA, Nilo. **As Formas do mesmo**. São Paulo: Fundação da Unesp, 1997.

ORTEGA E GASSET, J. **História como sistema**. Mirabeau ou o político. Brasília: Editora da UnB, 1982.

OCAMPO, López. **“Justo Sierra “el maestro de América”. Fundados de la Universidad Nacional de México”** In: *Revista Historia de la Educación Latinoamericana No 15, Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia*, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad, Postdata, Vuelta a El laberinto de la soledad**. México, D.F: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1992.

PRADO, Maria Ligia, PELLEGRINO, Gabriela. **História Da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **A formação das nações latino-americanas**. 3. ed. São Paulo: Atual; Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

_____. *“Identidades latino-americanas”*. AYALA MORA, Enrique e POSADA CARBÓ, Eduardo (org.). *Historia general de la América Latina. Vol. VII – Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación, 1870-1930*. 1. ed. Paris: UNESCO; Editorial Trotta, 2008.

REED, John. **México Rebelde**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978

RIVERA, Roberto Sánchez. *Justo Sierra y el programa de La Libertad. Diario Liberal Conservador (1878), o lastareasdel ‘positivismo liberal’*. In: Instituto de Investigaciones Bibliográficas. Biblioteca y Hemeroteca Nacionales 2007. Disponível em: http://www.humanindex.unam.mx/humanindex/fichas_pdf/detalle_capitulo.php?id=14266 – acesso em: 14/02/17

REYES, Bernardo. **El General Porfirio Díaz**. México: Editora Nacional, 1902.

RIBEIRO, JR João. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

SIERRA, Justo Méndez. “México social y político [1889]”; “Historia Política [1900]” e “La Era Actual [1901]”. In: SIERRA, Justo. **La evolución política del pueblo mexicano**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979a.

_____. **Juarez, Su Obra y Su Tiempo**. 7. ed. México: Editorial Porrúa, 2004.

SAEZ, Carmen. “**‘La Libertad’, periódico de ladictaduraporfirista**”. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 48, No. 1 (Jan. - Mar., 1986), pp. 217-236. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3540413?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104273582003> – acesso em 14/01/17

UZUN, Júlia Rany Campos. Identidades construídas durante o porfiriato (1876-1911): quem era o cidadão mexicano que os científicos queriam formar? In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300129865_ARQUIVO_textoanpuh.pdf - acesso em: 13/11/16

VASCONCELOS, José. **La raza cósmica: misión de larazaiberoamericana**. Madrid: Aguillar, 1996.

VERÍSSIMO, Erico. **México**. São Paulo: Globo, 1996.

ZEA, Leopoldo. **El positivismo y la circunstancia mexicana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

VÁSQUEZ, Josefina Zoraida. **De la independencia a la consolidación republicana. In: Nueva historia mínima de México**. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.

WILLIAN D. Raat. **El positivismo durante el porfiriato: 1876-1910**. Ciudad de México: 1975.

_____. *Los Intelectuales, el positivismo y la cuestión indígena*. In: **Revista história Mexicana** Vol. 20 No. 3, janeiro- Março 197. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/25134875?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104273891383> – acesso em: 13/11/16

WASSERMAN, Claudia. **Nações e nacionalismo na América Latina: desde quando?** Porto Alegre: Linus, 2013.

WOLFGANG, Iser. **A interação do texto com o leitor**. In: **LIMA, Luiz Costa. (org.) A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

www.biografiasyvidas.com/biografia/d/diaz_porfirio.htm.

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/h/hidalgo.htm>.

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/l/lerdo.htm>.

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/j/juarez.htm>.

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/i/iturbide.htm>.

http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/santa_anna.htm.

http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/sierra_justo.htm.